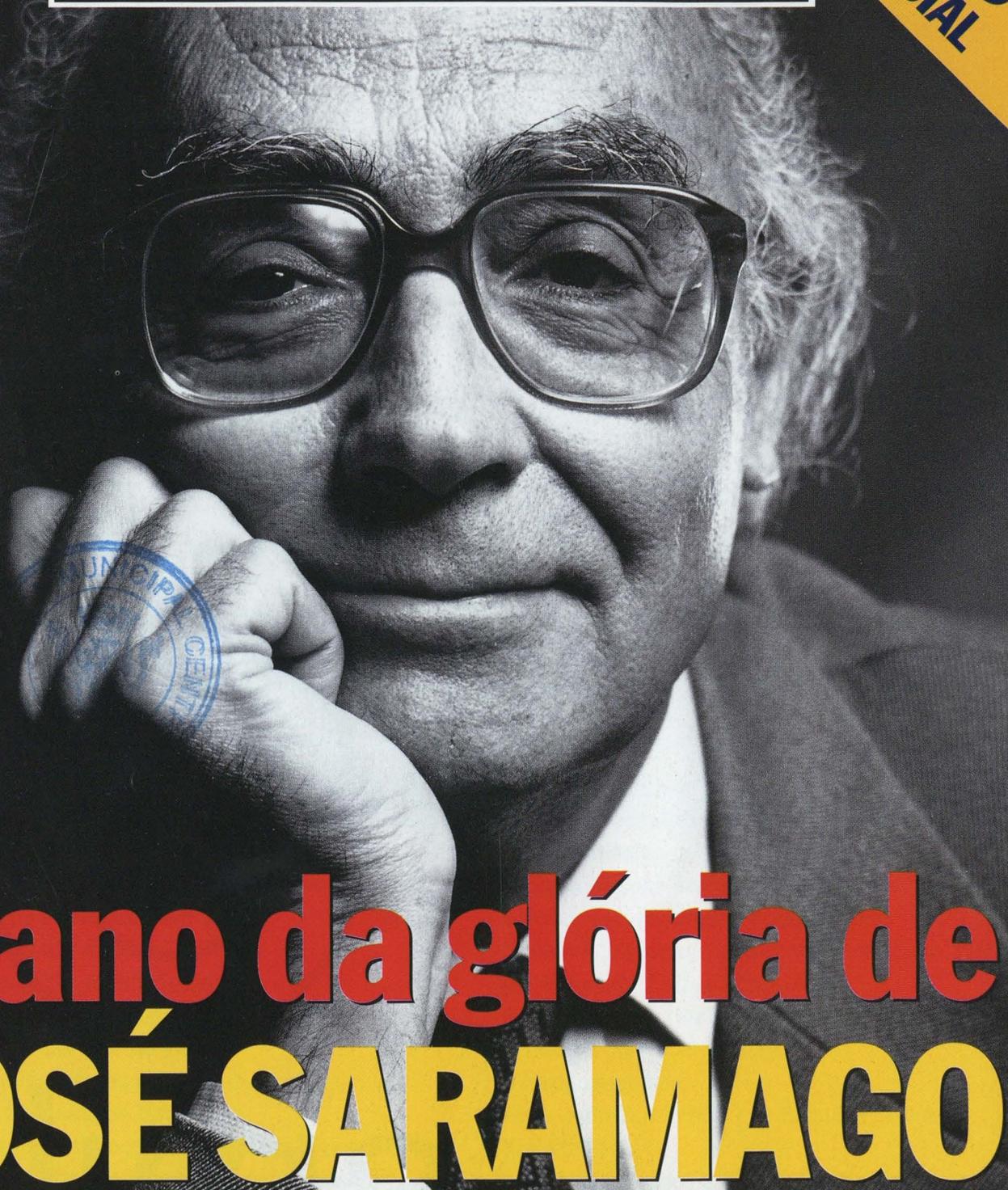


28298
5-605248-007924

VISÃO

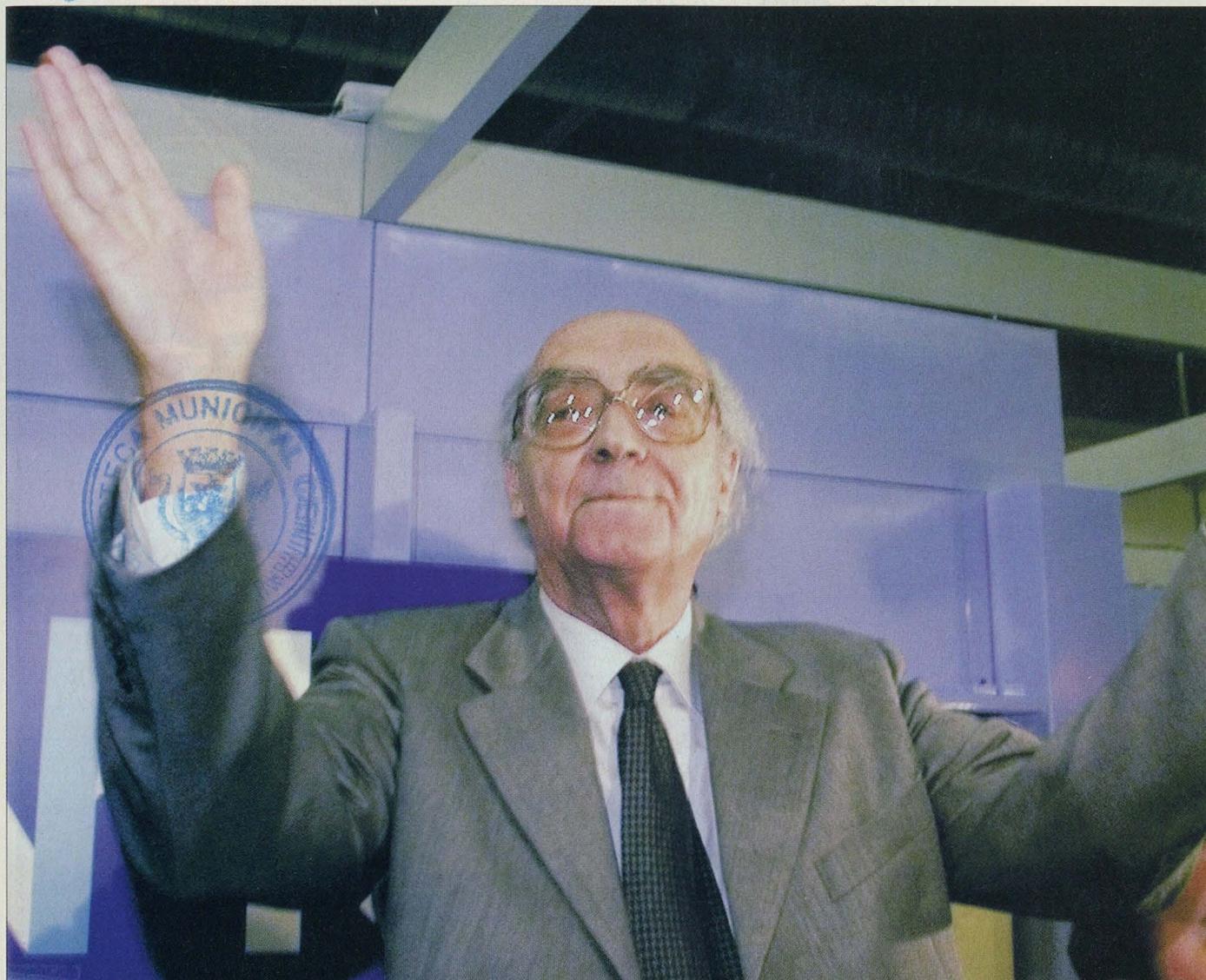
Nº 290a • 9 DE OUTUBRO DE 1998 • 250\$00

NOBEL 98
EDIÇÃO ESPECIAL



O ano da glória de JOSÉ SARAMAGO

Pela primeira vez, o mais famoso galardão mundial de literatura distingue um escritor de língua portuguesa. A história, a vida e a obra do autor de *Memorial do Convento*. Um número para guardar

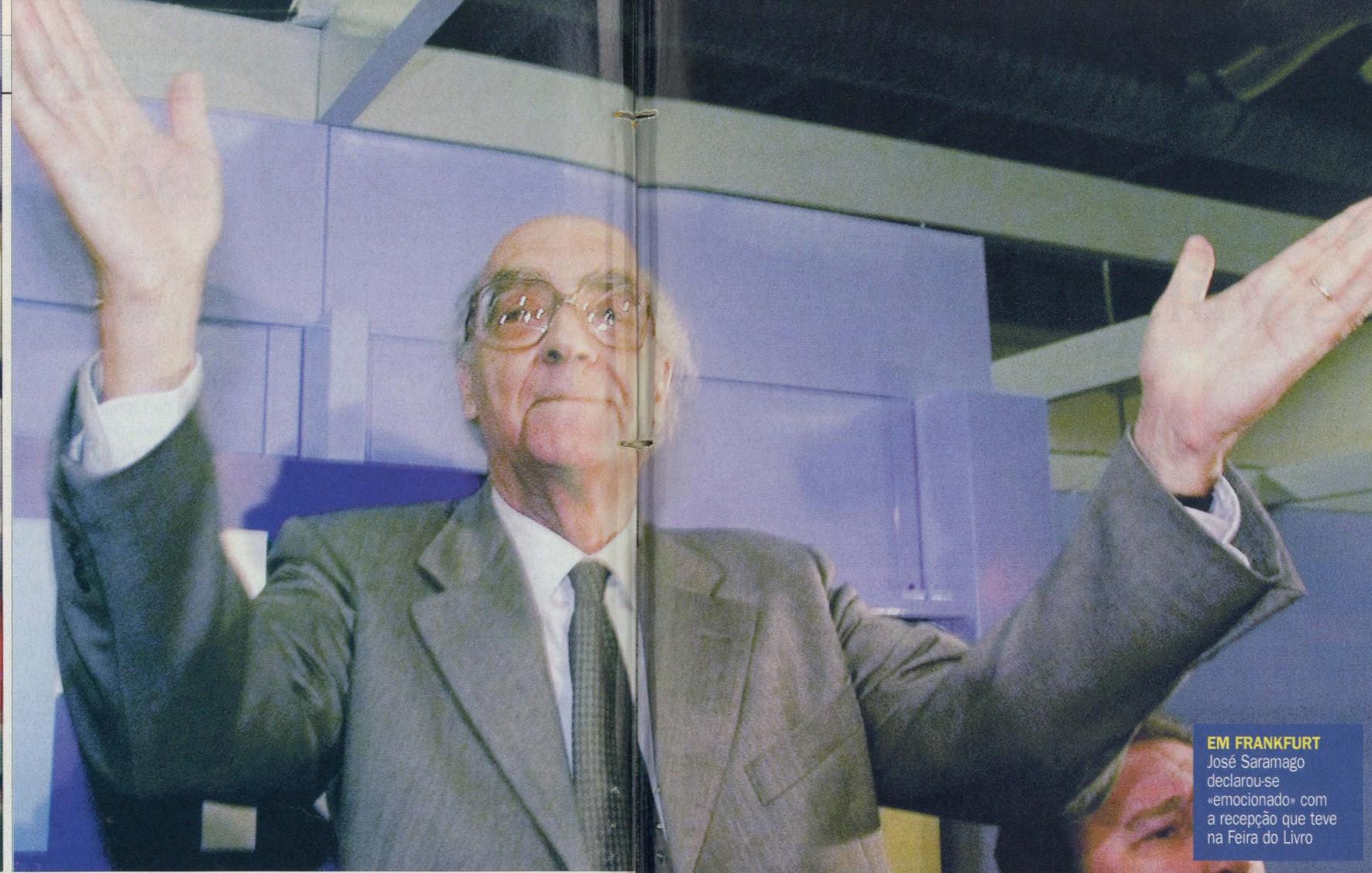


SUMÁRIO

- | | |
|--|---|
| 7 Linha Directa | 24 Mafra: todos os nomes... menos esse |
| 8 Atribuição do Nobel: Saramago, o último a saber | 25 Crónica de José Carlos de Vasconcelos |
| 10 Crónica de Francisco José Viegas | 26 Edições estrangeiras: o conquistador |
| 12 Perfil: Jangada de luz | 28 'A ilha de Saramago', reportagem feita em 1993 por Fernando Assis Pacheco |
| 14 Bio-bibliografia: memorial de carreira | 31 Pré-publicação: Diário de um escritor |
| 16 Pilar del Rio: 'Viver com Saramago é a coisa mais fácil do mundo' | 32 A história do Nobel português: a difícil caminhada |
| 18 Discurso directo: as palavras do viajante | 32 França ainda à frente — a lista dos Nobéis de Literatura |
| 20 A obra: em nome de Saramago | 34 'A mão que embala o berço', ensaio de José Saramago |
| 22 Depoimentos de Jorge Amado, José Manuel Mendes, Sebastião Salgado, Joaquim Benite, Ray-Gude Mertin | |



SARAMAGO, PRÉMIO NOBEL


EM FRANKFURT
 José Saramago declarou-se «emocionado» com a recepção que teve na Feira do Livro

O 'ESPANHOL' SARAMAGO

«Onde está Saramago?» Quando, às 13 horas de Estocolmo e de Madrid, 12 horas de Lisboa, a notícia do Prémio Nobel da Literatura de 1998 caiu em cima da mesa de Juan Friesuelos, nosso correspondente em Espanha, ninguém sabia ao certo onde parava o autor de *A Jangada de Pedra*. Jornalista da agência espanhola EFE, ele estava de plantão para fazer o perfil do laureado, caso a escolha da Academia recaísse sobre o escritor português. Outras hipóteses, com cobertura especial a garantir pela EFE, eram o mexicano Carlos Fuentes e o peruano Mario Vargas Llosa. Da capital sueca, o correspondente da agência apenas lhe reproduziu a informação prestada pelo secretário da Academia do Nobel: «José Saramago está em viagem para Madrid, num voo que deverá ter saído de Frankfurt pelas 13 horas.» O objectivo das agências, jornais, rádios e televisões de Madrid, onde a escolha foi vivida quase como se de um escritor espanhol se tratasse, passou a ser o Aeroporto de Barajas. Por pouco tempo. Uma informação prestada por Pilar del Rio, mulher do escritor, indicava que um responsável da Feira do Livro de Frankfurt «pescara» Saramago já a entrar no avião. Deu-lhe a notícia e «intimou-o» a permanecer na cidade do Meno. Reagindo rapidamente ao acontecimento, a Alfaguara, editora espanhola de Saramago, convocou uma conferência de imprensa para as 15 horas de Madrid (14 de Lisboa). À hora do fecho desta edição, a editora tinha a intenção, ainda sem confirmação plena, de fazer hoje mesmo, sexta-feira, 9, na capital espanhola uma grande festa de homenagem ao escritor português.

O ÚLTIMO A SABER

O escritor português soube que havia sido laureado quando entrava para um avião, no Aeroporto de Frankfurt, e já não seguiu viagem. Os passos do escritor nos momentos que se seguiram

FILIFE LUÍS

De pasta na mão e gabardina dobrada no braço, o escritor português José Saramago, 75 anos, percorreu, no sentido inverso, as várias dezenas de metros de um corredor do aeroporto de Frankfurt, o maior da Europa Central. A escassos dois minutos de embarcar no voo Frankfurt-Madrid, onde faria uma escala para a Ilha de Lanzarote, onde vive, o autor de

Memorial do Convento acabara de saber, pela voz de Zeferino Coelho, seu editor português (da *Caminho*), que ganhara o Prémio Nobel da Literatura, concedido pela Real Academia Sueca. A primeira reacção foi: «Ótimo, mas embarco na mesma para Madrid.» Zeferino Coelho, porém, não percorrera os muitos quilómetros que separam o aeroporto do local onde se realiza a Feira do Livro de Frankfurt, para regressar de mãos a aba-

nar. Aliás, punha-se a hipótese de pedir ao comandante do avião que avisasse o especial passageiro, caso este já tivesse embarcado. E Zeferino convenceu mesmo Saramago a voltar à feira, onde um batalhão de televisões, rádios e jornais, sobretudo alemães, já o esperavam com impaciência.

AS COINCIDÊNCIAS FELIZES

Nos minutos que demorou a percorrer o extenso corredor, completamente vazio, Saramago sentiu, como confessaria pouco depois, uma «enorme solidão», mas também um «profundo contentamento e uma grande serenidade». Uma alegria pessoal, mas depois, também, uma sensação de «patriotismo», embora

essa palavra esteja «algo desactualizada», como esclareceria.

Editor de Saramago desde 1979, Zeferino Coelho reivindica para a *Caminho* o «único mérito» de ter reconhecido, desde o início, «o talento do escritor». Na véspera, num colóquio de escritores comunistas, que reuniu, além do próprio Saramago, Urbano Tavares Rodrigues, Mário de Carvalho e Alice Vieira, o escritor tivera uma premonição, depois de dizer uma piada: «Talvez por esta graça me dêem o Prémio Nobel». Ninguém ligou.

Pela conjugação de uma série de coincidências felizes, que ajudam a pincelar de cor-de-rosa toda esta história, foi possível a José Saramago viver o triunfo na verdadeira catedral do livro em que se

transforma Frankfurt por alturas da sua feira livreira. Primeira coincidência: José Saramago esteve em Frankfurt apenas por um dia – e a hora do seu *check in* para o voo de regresso coincidiu precisamente com o momento em que, em Estocolmo, era anunciado o vencedor.

Segunda coincidência: Zeferino Coelho estava *no ar*, concedendo uma entrevista, num especial da *Antena 1* sobre o Prémio Nobel, quando o jornalista e pivô daquela rádio, Francisco Sena Santos, lhe deu, em directo, a notícia. Terceira coincidência: numa corrida contra-relogio – nas auto-estradas alemãs não existe limite de velocidade – o editor «sacou» o premiado, já na porta de embarque.

José Saramago só lamentou não ter viajado, ao contrário do que é hábito, com a mulher, a espanhola Pilar del Rio. «Mas como era só por um dia, não a trouxe!...», comentou. Essa pequena infelicidade foi compensada pela quarta coincidência feliz: Pilar del Rio teve a consolação de ser a primeira a saber a notícia, já que o telefonema número 1 da Real Academia Sueca da Língua foi para casa do laureado, na povoação de Tias, em Lanzarote. Aliás, a residência da pequena ilha do arquipélago das Canárias não tardou a ficar cercada de jornalistas, de câmaras fotográficas e de televisão. Nunca Lanzarote terá visto tanta agitação, que foi aumentando com a chegada de órgãos de comunicação social vindos de outras ilhas e ►



A falar a nossa língua

FRANCISCO JOSÉ VIEGAS

O primeiro sorriso não foi propriamente sorriso: a TSF anunciara, para Frankfurt, o Prémio de Saramago. O que se seguiu foi indescritível – havia editores a chorar, autores felicitando-se como se o prémio fosse de todos eles, e havia a imprensa.

Em 12 anos de Frankfurt, só vi entusiasmo assim por parte das televisões quando Umberto Eco apareceu a promover a Itália e o *Pêndulo de Foucault* e anteontem, quando Rushdie apareceu de surpresa na Feira.

Sabia-se que Saramago ia apanhar o avião da Ibéria para Madrid e que era preciso impedi-lo de partir e forçá-lo a regressar à Feira (ele, que queria ir ter com Pilar a Lanzarote). Ficaram então, as televisões, as rádios e os jornais, em estado de sítio, todos imobilizados à porta do hall da zona portuguesa, aguardando Saramago. Na manhã do Nobel,

ele dera uma entrevista à *Folha de São Paulo*, mas não se mencionou o Prémio; agora, iria enfrentar as televisões do mundo (e os seus leitores, e os seus inimigos...).

Ao fim de uma hora de espera – nem no ano passado, quando Portugal foi «País Tema» de Frankfurt... – Saramago iludiu toda a gente: entrou pela porta contrária, do outro lado do pavilhão. O pessoal da TVE bateu o recorde dos 500 metros de câmara às costas e lembro-me de ele ter dito, então, aos microfones da TSF, que «não esperava o Prémio este ano». Ilusão. Se não fosse assim, como se justificaria que Frankfurt se tivesse mobilizado inteiro, para a «área portuguesa»?

A verdade é que os portugueses ainda não tinham experimentados esta sensação de terem um Nobel mesmo ali à frente, a falar a nossa língua.

Ao fim de uma hora de espera, Saramago iludiu toda a gente: entrou pela porta contrária

► O ÚLTIMO A SABER

de outros países, segundo testemunho do jornalista e escritor Fernando Delgado ao nosso correspondente em Madrid e jornalista da agência EFE, Juan Frisuelos (*ver caixa*). Delgado, amigo íntimo do casal, esteve ao telefone com Pilar pouco depois do anúncio do Nobel.

AGENTE LITERÁRIA ALEMÃ EM LÁGRIMAS

Na Feira de Frankfurt, junto ao pavilhão sueco, uma senhora muito loira e muito alta gritava frases em que, fora do baralho do idioma nórdico, se reconhecia apenas a palavra Saramago. O som de algumas garrafas de champanhe ouviu-se aqui e ali, enquanto, aos poucos, se amontoavam televisões e rádios junto ao pavilhão onde se encontram os expositores portugueses. A agente literária de José Saramago para o estrangeiro, a alemã Ray-Güde Mertin, foi das primeiras a chegar, após percorrer, lavada em lágrimas, os corredores da feira. Depois de algumas cenas de autêntico pugilato por um bom lugar na improvisada conferência de imprensa de José Saramago, no pavilhão português, os jornalistas foram

canalizados para uma sala com melhores condições.

Os expositores portugueses não esconderam o seu contentamento. «Este Nobel abre curiosidade e mercado para a literatura portuguesa», diziam. Hermínio Monteiro, da Assírio & Alvim, conjecturava que o prémio a Portugal teria reflexos, em termos de negócios, ainda na Feira deste ano, visto que Frankfurt estará a funcionar até domingo, 11. E apontava

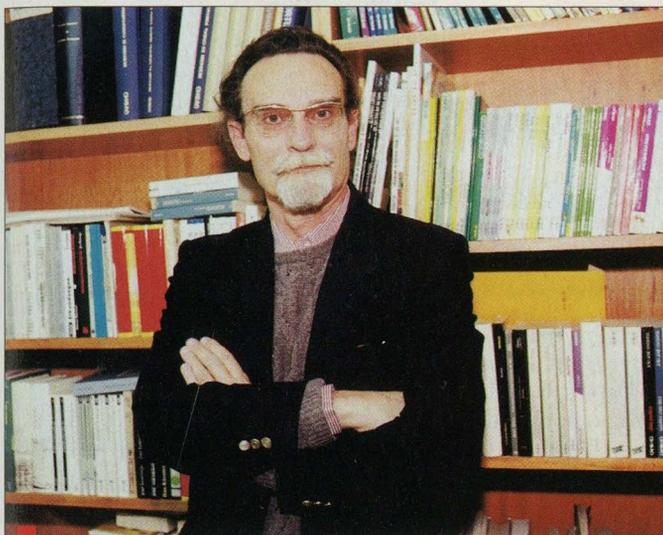
para o contraste com a discreta presença suíça, país tema de 1998.

Em Portugal, amigos e inimigos, admiradores e críticos congratulavam-se com o triunfo do português. Desde o Presidente Jorge Sampaio, um amigo e um «consumidor» de Saramago, a António de Sousa Lara – que, na qualidade de subsecretário de Estado da Cultura de um governo de Cavaco Silva vetou a candidatura portuguesa do *Evangelho Segundo Je-*



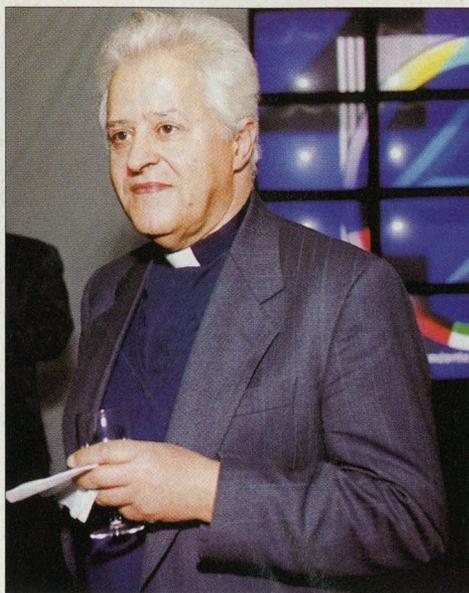
FELICITAÇÕES

Aclamado por portugueses e estrangeiros, presentes em Frankfurt



ZEFERINO COELHO

Editor da Caminho deu a notícia ao escritor



D. JOSÉ POLICARPO

O patriarca de Lisboa não alinha nas críticas do Vaticano e congratula-se pelo facto de o prémio ter sido conquistado por um português

sus Cristo ao Prémio Literário europeu. Nomes da política, das artes e das letras de toda a Lusofonia, com destaque para a Academia Brasileira de Letras e para o escritor e eterno candidato Jorge Amado, também se congratularam e formularam votos para uma maior expressão da língua portuguesa no contexto mundial. A nota dissonante surgiu do Vaticano, tendo o *Osservatore Romano* criticado a atribuição do Nobel a um «comunista inveterado». O que não foi corroborado, por exemplo, pelo bispo resignatário de Setúbal, D. Manuel Martins, que declarou estar feliz, ressalvando apenas um lamento por o escritor não se deixar iluminar pelos ideais cristãos. E o patriarca de Lisboa, D. José Policarpo, disse, sem mais comentários, à VISÃO: «Congratulo-me pelo facto de o Nobel da Literatura ter sido atribuído a um escritor português».

Entretanto, o ministro da Cultura, Manuel Maria Carrilho, anunciou, para 14 de outubro, a realização de «uma grande homenagem da cultura portuguesa» ao Prémio Nobel da Literatura. Não será «um acto institucional do Ministério, mas uma iniciativa que abarcará todas as figuras da cultura que nela queiram participar».

O PESO DA CRÍTICA AMERICANA

O comunicado da Academia Sueca frisa que José Saramago, «com parábolas portadoras de imaginação, compaixão e ironia, torna constantemente compreensível uma realidade fugidia». No mesmo texto, destacam-se as obras *Manual de Pintura e Caligrafia*, romance de 1977, que «marca o nascimento de um artista».

O Memorial do Convento, de 1982, «que o tornará célebre». *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, de 1984, «um dos pontos altos da sua produção literária». *A Jangada de Pedra*, de 1986, «o engenho de Saramago ao serviço da sabedoria». *História do Cerco de Lisboa*, de 1989, «um campo livre à sua grande imaginação e alegria narrativa». *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de 1991 «reflexões merecedoras de atenção sobre grandes questões». *Ensaio Sobre a Cegueira*, de 1995, que «aumenta consideravelmente a estatura literária de Saramago». E, finalmente, *Todos os nomes*, cuja tradução sueca é aguardada para este Outono.

Embora seja especulativo atribuir motivações à Real Academia Sueca da Língua, ou adiantar razões que a levaram a premiar Saramago este ano e não em ocasiões anteriores, nos meios literários co-

menta-se a importância das críticas entusiásticas publicadas na grande imprensa dos Estados Unidos da América, relativamente ao *Ensaio Sobre a Cegueira*, recentemente lançado no mercado norte-americano. Aliás, o próprio José Saramago se apercebeu da importância dessas críticas, tendo coligido e enviado para o seu editor, Zeferino Coelho, alguns recortes da imprensa americana. Mas o escritor, que confessou ter estado, há cinco anos, quando pela primeira vez figurou na lista de nomeados de que sairia o vencedor, de ouvido colado às rádios, tinha perdido as ilusões. Afinal, numa impessoal sala de aeroporto, ele foi o último a saber. José Saramago conserva, agora, o cartão de embarque para a imortalidade. ■

COM JOÃO GOVERN, JUAN FRISUELOS EM MADRID, LUÍS ROMÃO EM FRANKFURT, PEDRO VEIRA, ROSA RUELA E ANA PEREIRA DA SILVA

FELIZ

Os sorrisos vão continuar. O ministro da Cultura já anunciou uma grande homenagem para 14 de Outubro



PERFIL

Levantado da ficção

Com 75 anos de idade, José Saramago é um escritor de sucesso tardio. «Até aos 50 anos devíamos aprender, depois dos 50 trabalhar – e depois acabar»

FERNANDO DACOSTA

José Saramago está tão habituado a receber como a não receber prémios. A diferença entre uma coisa e outra fez-se-lhe, afirma, mínima. A ideia de conquistar o Nobel tinha entrado, desde que o fizeram seu candidato (perdedor) crónico, em banho-maria.

«Faço os possíveis para tranquilamente não alimentar esperanças, ilusões ou ideias dessas», comentou recentemente. «Há neste momento centenas ou milhares de escritores a quem o Prémio assentaria bem», assentou nele.

Nascido a 16 de Novembro de 1922 na Azinhaga, zona da Golegã, numa família de camponeses, José Saramago seguiu o percurso dos migrados pobres de então. Com menos de dois anos, acompanha os pais que vão trabalhar para a capital. O seu quotidiano é irregular.

«Saramago não era apelido de família, mas sim alcunha; indo o meu pai», conta, «a declarar no registo civil o nascimento do filho, aconteceu que o empregado estava bêbado; por sua própria iniciativa, e sem que meu pai se apercebesse da fraude, acrescentou Saramago ao simples nome que eu devia levar, que era José de Sousa; desta maneira, graças a um desígnio dos fados, se preparou o nome com que assino.»

Os livros na escola e os mais velhos no bairro, sensibilizam-no desde muito cedo, abrindo-o ao mundo envolvente. Ganha conhecimentos vastos sobre os problemas que vê, aprende a ver. Torna-se num autodidacta impaciente, tudo aprendendo, diversificando, questionando – acrescentando.

Sente que não cabe na vida que a vida lhe reserva. O universo é mais vasto do que o da cidade que conhece. «Embora eu não tenha sido contemplado com uma biblioteca à nascença, ler foi uma coisa», afirmará, «que começou cedo em mim. O meu pai comprava, ou melhor, davam-lhe, o *Diário de Notícias*, que eu lia. O meu primeiro livro devo tê-lo tido aos 12 anos. Numa altu-

ra em que ia para férias, a minha mãe foi a uma papelaria para me oferecer um. Apon-tei *O Mistério do Moínho*. Depois, li muito na biblioteca das Galveias, à noite, quando já estava a trabalhar».

OÍCIOS AVULSOS

Depois de ofícios avulsos (serralheiro, mecânico, administrativo, funcionário) e de leituras diversificadas, entra para uma editora. Em 1947 publica o seu primeiro romance, *Terra do Pecado*, que renega – só meio século depois, quando José Carlos de Vasconcelos o recupera no *Jornal de Letras*, o assumirá.

«O livro resulta do seguimento de leituras mal arrumadas e mal organizadas. Há quem diga que, apesar de tudo, não é assim tão mau e que está escorreitamente escrito. E eu tenho a impressão de que sim», evoca.

O círculo dos jornais absorve-o, a seguir, como crítico, cronista e editorialista. *Seara Nova*, *A Capital*, *Diário de Lisboa* popularizam, antes do 25 de Abril, o seu nome, o seu estilo, o seu comprometimento político. Opositor do Estado Novo, dedica-se com grande intensidade às questões sociais. Faz-se uma figura de referência na Esquerda.

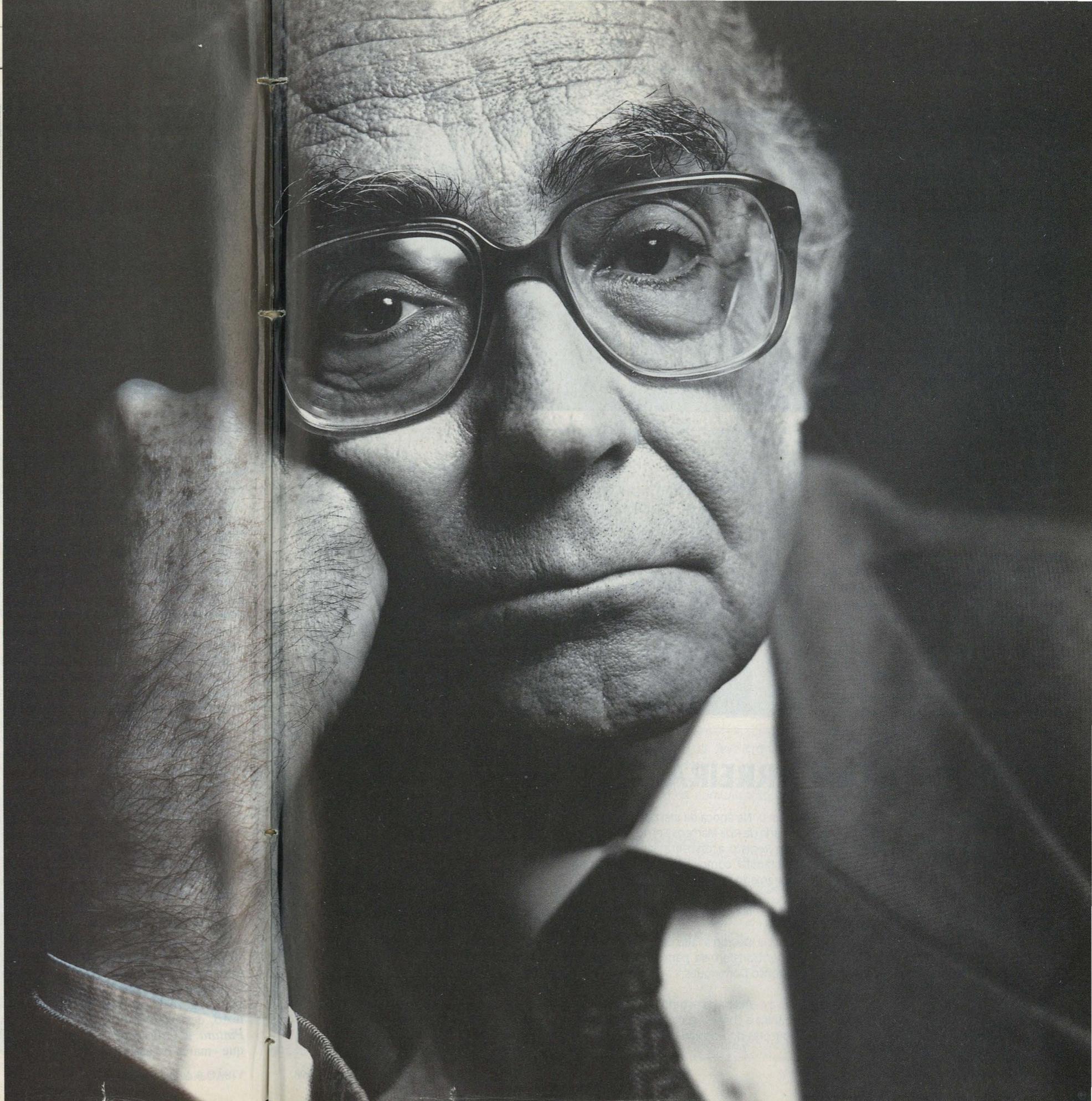
Percorre o País, como faziam muitos intelectuais, dando conferências, animando encontros de reflexão política, participando em sessões de solidariedade cultural.

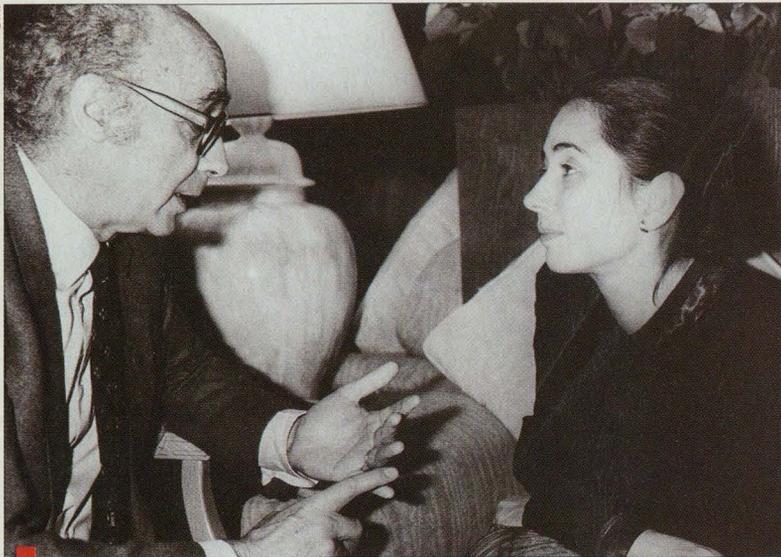
Provavelmente Alegria (1970), *Deste Mundo e do Outro* (1971), *a Bagagem do Viajante* (1973) traduzem esse período, balizado pelo contacto com os outros e pela luta contra a Censura e a Pide. *Manual de Pintura e Caligrafia* será o seu primeiro destaque como romancista.

RADICALISMO POLÍTICO

O 25 de Abril irá, entretanto, conduzi-lo à direcção do *Diário de Notícias*. Com veemência, defende nas páginas do jornal os interesses do PCP, de que é militante, então apostado na tomada do poder. O radicalismo político que, por vezes, ostenta, afasta-lhe companhei- ▶

MARC FLORENTIN





COM PILAR, SUA ACTUAL MULHER

Conheceram-se quando ela, jornalista, o entrevistou

▶ LEVANTADO DA FICÇÃO

ros de outrora e torna-o alvo de ódios generalizados – ainda hoje vivos.

Esvaziada, com o 25 de Novembro, a ebulição revolucionária, Saramago recua. Abandona a comunicação social, sai de Lisboa e refugia-se no Alentejo, numa cooperativa de trabalhadores, a fim de colher elementos para um livro sobre a reforma agrária.

«Se o 25 de Novembro trouxe mal a muita gente, trouxe também algum bem. Talvez em termos de revolução, em termos de futuro, tivéssemos de passar por esse purgatório para começarmos outra

JOAQUIM LOBO



COMENDA

Ao receber agora o Nobel, só teve pena de não estar com Pilar

ESCRITOR DE SUCESSO TARDIO

«Tudo na vida me aconteceu tarde. E há quem não me perdoe»

DATAS

MEMORIAL DE CARREIRA

Os anos da vida e da obra do primeiro autor de Língua Portuguesa a vencer o Nobel da Literatura

1922

Nasce a 16 de Novembro, na aldeia de Azinhaga (Ribatejo). É registado apenas no dia 18.

1924 Muda-se, com os pais, para Lisboa.

1929 Na época da inscrição na Escola Primária da Rua Martens Ferrão, o funcionário do Registo acrescenta Saramago, alcunha da família, como apelido. José é o primeiro Saramago da família Meirinho Sousa.

1932 Matricula-se no Liceu Gil Vicente.

1934 Devido à falta de recursos económicos, transfere-se para a Escola Industrial Afonso Domingues.

1939 Acaba os estudos de Serralharia Mecânica e consegue o primeiro trabalho, nas oficinas do Hospital Civil de Lisboa.

1944 Casa com a pintora Ilda Reis, falecida em Janeiro de 1998.

1947 Publica o seu primeiro romance, *Terra do Pecado*.

1948 Nasce a filha, Violante.

1950 Trabalha na Companhia de Seguros Previdente.

1959 Abandona definitivamente a seguradora para ocupar o lugar de editor literário na Editorial Estúdios Cor.

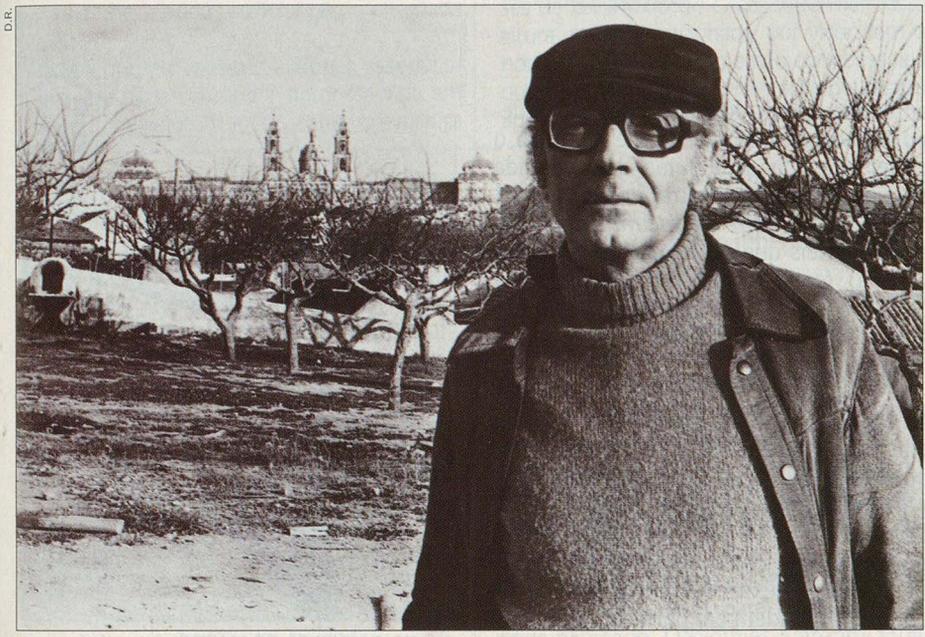
FOGUETES NO 'PUEBLO'

As gentes de Castril, uma pequena aldeia espanhola onde nasceu a mãe de Pilar, sua mulher, já o tinham surpreendido uma vez ao escolherem o seu nome para colocar à entrada da biblioteca municipal. «A festa [de inauguração] foi bonita. Houve discursos, o meu um tanto insosso, acho que por causa da comoção, que não me deixou arrumar aceitavelmente as ideias», escreveu a 22 de Abril de 1997, nos *Cadernos de Lanzarote* (ainda por publicar).

Incrédulo deve ter ficado Saramago quando lhe contaram o que fizeram as gentes

desse *pueblo* entre montanhas mal souberam que o «seu» escritor ganhara o Prémio Nobel da Literatura: deitaram foguetes. E, à noite, houve festa rija, com comida e bebida pagas pelo alcaide de Castril.

Em Lanzarote, no meio de telefonemas, faxes e telegramas, Pilar, feliz, continuou a rir depois de lhe contaram que o Vaticano não gostou da atribuição do Prémio Nobel a um «comunista inveterado» com «uma visão substancialmente anti-religiosa».



vez, já noutras bases, já com outro entendimento», comentar-nos-á. Dessa experiência surge *Levantado do Chão*, novela que revela a originalidade do seu estilo, a mestria da sua escrita, a afectuosidade das suas personagens. Recebe os prémios Cidade de Lisboa e Ennio Flaiano.

Um convite do Círculo de Leitores permite-lhe realizar *Viagem a Portugal*, que rapidamente se transforma num best-seller e numa referência sobre o nosso País – como as *Viagens na Minha Terra* de Garrett.

«Um dia, na Biblioteca Nacional de Paris, li numa carta do embaixador da França em Lisboa, no tempo do D. João V, alusões a uma mulher que, em jejum, via através dos corpos. Isso deu-me», contou-nos o escritor, «a ideia para a *Blimunda*.»

Aluga um quarto defronte do Convento. «Para o tipo de literatura que faço, considero fundamental esse contacto, esse pôr a mão sobre os locais que vou tratar», sublinha. Meses depois, *Memorial do Convento* (de que o primeiro júri da Associação Portuguesa de Escritores não percebe a importância) tornar-se-á um dos maiores fenómenos da nossa literatura.

A Europa lê-o fascinada. Fellini diz, dele, a *La Stampa*: «É muito melhor que *O Nome da Rosa* [de Umberto Eco].» O compositor italiano Azio Corghi adapta-o a uma ópera. Os norte-americanos, que o querem cinematizar, oferecem 100 mil contos pelos seus direitos. Saramago recusa: «O filme trairia o livro.»

A sua escrita (sem pontuação nem discurso directo regulares), o seu imaginário (dominado pelo realismo fantástico), as ►

1966 *Os Poemas Possíveis* (poesia).

1968 Colabora na *Seara Nova*, como crítico literário.

1969 Torna-se membro do Partido Comunista Português.

1970 *Provavelmente Alegria* (poesia). Divorcia-se de Ilda Reis.

1971 *Deste Mundo e do Outro* (crónica).

1972 Nasce a primeira neta, Ana. Exerce funções de editorialista no *Diário de Lisboa*, onde coordena o suplemento literário.

1973 *A Bagagem do Viajante* (crónica).

1974 *As Opiniões que o D.L. Teve* (crónica). Orienta a revista *Arquitectura*.

Depois do 25 de Abril, é chamado para trabalhar no Ministério da Comunicação Social.

1975 *O Ano de 1993* (poesia). De Abril a Novembro, é director-adjunto do *Diário de Notícias*.

Após o 25 de Novembro, decide dedicar-se exclusivamente à escrita.

1976 *Os Apontamentos* (crónica).

1977 *Manual de Pintura e Caligrafia* (romance).

1978 *Objecto Quase* (contos).

1979 *Poética dos Cinco Sentidos* (obra co-

lectiva, contos).

A Noite (teatro).

Prémio da Associação de Críticos Portugueses para *A Noite*.

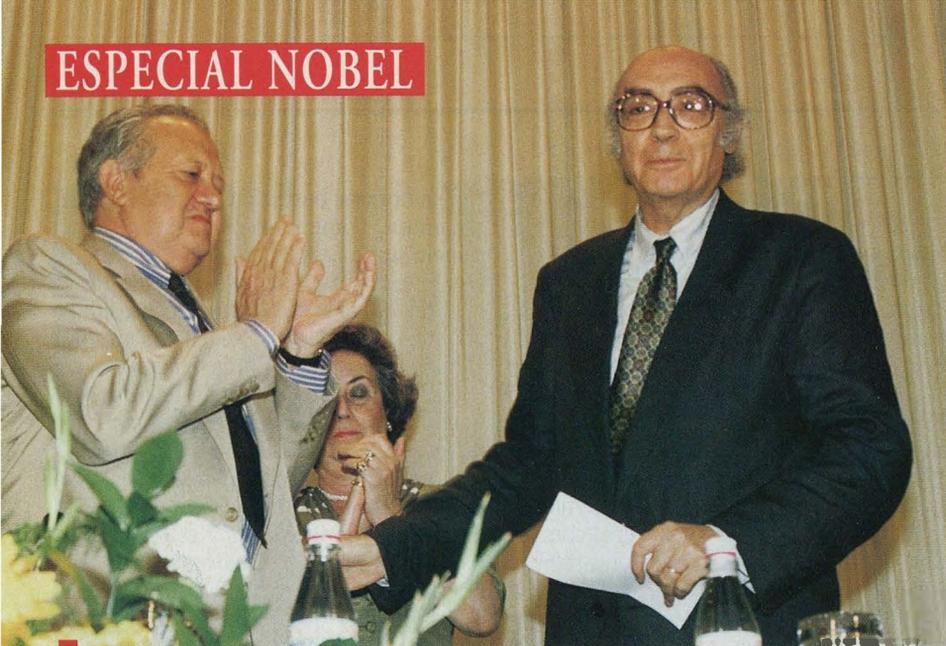
1980 *Levantado do Chão* (romance), que vence o Prémio Cidade de Lisboa. *Que Farei com Este Livro?* (teatro).

1981 *Viagem A Portugal* (viagens).

1982 *Memorial do Convento* (romance). Primeira tradução russa (*Levantado do Chão*).

1983 Prémios Pen Club e Literário Município de Lisboa para *Memorial do Convento*.

1984 *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (romance).



COM MÁRIO SOARES

Amigos, apesar de todas as divergências políticas

▶ LEVANTADO DA FICÇÃO

suas personagens (Blimunda e Madalena são apaixonantes), a sua ironia (quase sempre acerada), as suas histórias (irrecusáveis), os seus títulos (inesquecíveis) fizeram-se marcas individualizadoras do escritor.

«Ele reinventa o romance; mas o seu romance, praticando sobre o passado, sobre o contemporâneo ou sobre projecções do futuro, de algum modo arrisca a própria invenção do mundo», define Maria Alzira Seixo.

SENTADO À MESA

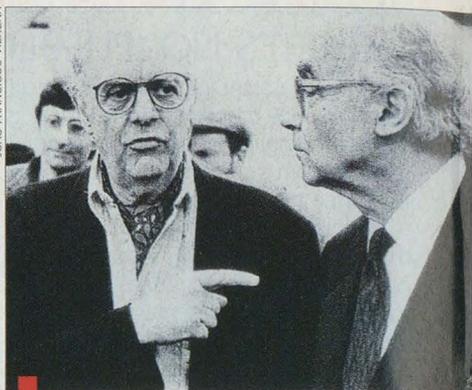
Saramago atinge, dobrados os 50 anos, a pujança criativa. «Tudo na vida me aconteceu sempre tarde», confidencia-nos. «As obras da maturidade aparecem nuns aos 40 anos, noutros aos 80. As vidas são muito curtas. Até aos 50 anos devíamos estar a

aprender, depois dos 50 a trabalhar e depois a acabar. Muitos não me perdoam o eu ter esta actividade numa altura da vida em que devia estar a entrar na reforma.»

O Ano da Morte de Ricardo Reis (um Ricardo Reis que sobrevive, na ficção, a Pessoa), *Jangada de Pedra*, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, *Ensaio sobre a Cegueira* somam, multiplicam traduções, edições, galardões.

«O êxito e o fracasso são coisas que têm a ver com o temperamento. Reajo a elas, ao êxito e à falta dele, como reajo ao sol e à chuva. Aceito aquilo que vem, não me ponho a clamar porque queria Sol e afinal choveu, nem a lastimar-me porque queria chuva e o Sol vem secar-me a horta. O êxito e o não êxito são coisas que dependem em parte de mim, mas desconfio que dependem de muitas outras coisas em que não tenho acção. A

JOÃO FRANCISCO VILHENA



COM DARIO FO, EM FRANKFURT

O dramaturgo italiano «roubou» o ano passado o Nobel ao escritor português

INÁCIO LUDEGERO



NO CONVENTO DE MAFRA

A Câmara nunca lhe perdoou o *Memorial*

▶ MEMORIAL DE CARREIRA

Nasce o segundo neto, Tiago.

1985 Condecoração: comendador da Ordem Militar de Santiago de Espada.

Prémios Pen Club e da Crítica da Associação Portuguesa de Críticos para *O Ano da Morte de Ricardo Reis*.

Primeira tradução alemã (*Levantado do Chão*).

Primeira tradução italiana (*Memorial do Convento*).

1986 *A Jangada de Pedra* (romance).

Prémio D. Dinis, da Fundação da Casa de Mateus, para *O Ano da Morte de Ricardo Reis*.

Primeiras traduções castelhanas (*Deste Mundo e do Outro* e *Memorial do Convento*).

1987 *A Segunda Vida de Francisco de Assis* (teatro).

Prémio Grinzane-Cavour (Itália), para *O Ano da Morte de Ricardo Reis*.

Primeiras traduções francesa, inglesa e norueguesa (*Memorial do Convento*).

1988 Casa com a jornalista espanhola Pilar del Río.

Primeiras traduções catalã, sueca, dinamarquesa e romena (*Memorial do Convento*).

Primeira edição nos Estados Unidos (*Memorial do Convento*).

1989 *História do Cerco de Lisboa* (romance). Primeiras traduções búlgara, eslovaca, finlandesa e holandesa (*Memorial do Convento*).

1990 Estreia em Milão da ópera *Blimunda*, do compositor italiano Azio Corghi, numa adaptação de *Memorial do Convento*, com encenação de Jerome Savary.

Primeiras traduções grega e hebraica (*Memorial do Convento*).

1991 *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (romance).

Edição da obra completa.

Condecoração: Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras Francesas. Recebe o doutoramento honoris causa pelas Universidades de Sevilha e de Turim.

PILAR DEL RIO

‘VIVER COM JOSÉ SARAMAGO É A COISA MAIS FÁCIL DO MUNDO’

«Ainda não tive tempo de ter qualquer sensação. Sei, apenas, que quando faltavam 13 minutos para o meio-dia ligaram da Academia Sueca a dar a notícia. A partir dessa altura, esta casa tem sido um horror de confusão.

Por isso, só lhe posso afirmar que não vi nada, não sei nada, não tive tempo para experimentar qualquer emoção. Falei com o meu marido alguns segundos. Foi ele que me ligou de uma cabine pública, mas como não tinha moedas suficientes, a chamada caiu.

Agora que ele recebeu o Nobel, asseguro-lhe que nada vai mudar na nossa vida em comum. Viver com José Saramago é a coisa

mais fácil do mundo. Porque ele é um homem sensível, muito sóbrio, detesta os artifícios, não tem caprichos, é muito honesto e tem uma só palavra. E eu gosto tanto dele...

A nossa vida familiar é muito sóbria, uma vida de trabalho. Raramente saímos, preferimos receber os amigos em casa. O meu marido é uma pessoa extraordinária: gosta de brincar no jardim com os cães, prefere almoçar na cozinha... porta-se como os camponeses de *Levantado do Chão*. Sinto-me, nesta altura, muito emocionada: por viver com o homem José Saramago e não com pessoa a quem foi atribuído o Prémio Nobel. Estou apaixonada por José Saramago.»



ANTÓNIO XAVIER

escrita vem com o acto de escrever. Não tem nada a ver com inspiração. Trabalho todos os dias, normalmente à tarde. Costumava dizer que escrevo porque almocei e janto porque já escrevi. Isso até parecia estranho porque, supõe-se, depois do almoço há um certo entorpecimento. Mas acontece levantar-me da mesa do almoço e ir sentar-me à mesa de trabalho. A primeira condição para escrever é sentar-me.»

RECUAR A MORTE

A sua vida pessoal redefine-se. Pai de uma filha (Violante Matos, 50 anos, vereadora da Câmara Municipal de Lisboa pelo PS), avô de Ana Matos (26 anos, engenheira) e de Tiago Matos (14 anos), di-

vorciado de Ilda Reis (falecida no ano passado), José Saramago foi, durante bastante tempo, companheiro da escritora Isabel da Nóbrega.

Há dez anos que vive com Pilar del Rio, na ilha de Lanzarote, terra natal da mulher. «Se eu tivesse morrido aos 63 anos, antes de a conhecer, morreria muito mais velho do que serei quando chegar a minha hora», anota nos *Cadernos de Lanzarote* (Diário 1). Ali trabalha com regularidade e disciplina, dali parte para os contactos do mundo, ali regressa para o reencontro de si.

«As circunstâncias quiseram», pormenoriza, «que viéssemos para cá. Não estava nada planeado. Decidimos e pronto. Hoje, creio que foi uma das melhores coisas que

me aconteceram na vida. Porque esta ilha, além das belezas naturais, permite que se viva bem. Não há poluição nem ruídos. A vida é diferente da que inevitavelmente se tem numa grande cidade.»

Todos os meses, uma manã é dedicada a redigir a crónica para o *Ensaio da VISÃO*. Os problemas, as injustiças, os sofrimentos dos outros, a solidariedade para com os outros, continuam a ser-lhe objecto de afirmação, de intervenção – de indignação.

«Não procuro os temas: fico tranquilamente à espera daquilo que venha. Escrever é dilatar o espaço da vida, é fazer recuar a morte.» ■

Com Ana Margarida de Carvalho

Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores para *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*.

1992 Prémio Ennio Flaiano (Itália) para *Levantado do Chão*.

Prémios Literário Internacional Mondello e Brancatti (ambos de Itália) para *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*.

Primeira tradução húngara (*Memorial do Convento*).

O Governo veta a candidatura de *Evangelho Segundo Jesus Cristo* ao Prémio Literário Europeu.

1993 *In Nomine Dei* (teatro).

Prémio Vida Literária da Associação Portuguesa de Escritores.

Prémio The Independent Foreign Fiction (Inglaterra) para *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Estreia em Münster a ópera *Divara*, cujo libreto foi extraído da peça *In Nomine Dei*, música de Azio Corghi e encenação de Dietrich Hilsdorf.

Fixa residência na ilha espanhola de Lanzarote, arquipélago das Canárias.

Primeira tradução polaca (*Memorial do Convento*).

Torna-se membro do Parlamento Internacional de Escritores, em Estrasburgo.

1994 *Cadernos de Lanzarote I* (diário).

1995 *Ensaio Sobre A Cegueira* (romance).

Cadernos de Lanzarote II (diário).

Prémio Camões.

Prémio de Consagração de Carreira da Sociedade Portuguesa de Autores. Doutoramento honoris causa pela Universidade de Manchester.

1996 *Cadernos de Lanzarote III* (diário). Primeiras traduções chinesa e turca (*Memorial do Convento*).

1997 *Todos Os Nomes* (romance). *Cadernos de Lanzarote IV* (diário). Primeira tradução servo-croata (*Memorial do Convento*).

1998 A 8 de Outubro, é anunciada a atribuição do Prémio Nobel da Literatura. A um autor de Língua Portuguesa, pela primeira vez: José Saramago.

DISCURSO DIRECTO

As palavras do viajante

Ao escritor, conhecem-se-lhe atitudes e conceitos. Além dos livros, as dezenas de entrevistas que deu e os artigos de opinião – nomeadamente os publicados na VISÃO – ajudam a retratar Saramago. Vinte anos de frases e ideias

CENSURA

«Que era muito do escrever até 1974? Iludir a censura, acautelar o tema, aperfeiçoar a entrelinha.»
Diário Popular, Abril de 1978

REIVINDICAÇÃO

«Uma só (...), para que concorrem ou de que decorrem todas as outras: a de poder ser escritor em Portugal. Seria absurda uma sociedade em que alguém, para ser médico, professor, metalúrgico ou bancário, tivesse de exercer, a par, uma outra profissão. Não menos absurda é uma sociedade que preza tão pouco os escritores que os condena a morrer de fome se eles teimarem em ser apenas isso.»
O Diário, Fevereiro de 1979

MORTE

«Escrever é fazer recuar a morte, é dilatar o espaço da vida.»
JL-Jornal de Letras, Artes e Ideias, Janeiro de 1983

ÊXITO

«Ora, o êxito, o fracasso!... são coisas que têm a ver com o temperamento. Reajo a elas, ao êxito e à falta dele, como reajo ao sol e à chuva. Aceito aquilo que vem, não me ponho a clamar porque queria sol e afinal choveu, nem a lastimar-me porque queria chuva e o sol vem secar-me a horta.»
JL-Jornal de Letras, Artes e Ideias, Janeiro de 1983

MISSÃO

«Se a literatura nesta terra ainda serve para alguma coisa, isto é, se for mais do que alguns estarem ainda a escrever para alguns estarem ainda a ler, torna-se urgente recuperá-la, já que a nossa sociedade corre o risco, devido aos audiovisuais, de emudecer, ou seja, de haver cada vez mais uma minoria com grande capacidade para falar e uma maioria crescente li-

mitada a ouvir, não entendendo sequer muito bem aquilo que escuta.»

JL-Jornal de Letras, Artes e Ideias, Janeiro de 1983

PESSOA

«Há na obra de Pessoa um retrato bastante claro e completo do homem português, com as suas contradições, o misticismo um tanto mórbido que é o nosso, esta capacidade de esperar, que não é mais do que um desejo de adiar. A esperança é uma atitude activa, mas nos portugueses é uma forma cómoda de projectar para um futuro cada vez mais distante o que deveríamos fazer agora (...).»
El País, Setembro de 1985

MULHERES

«Na verdade, daquilo que é substancial e essencial na vida, aprendi pouco com os homens e muito com as mulheres. É o ser humano inteiro, o que elas são...»
Ler, Primavera de 1989

COMUNISMO

«Para a generalidade das pessoas é mais fácil deixar de ser do que ter sido. De repente os tais sólidos partidos comunistas do Leste europeu derreteram-se como manteiga ao sol. Agora é difícil encontrar comunistas no Leste. E os que dizem que ainda são, creio que esperam o momento mais adequado para dizerem que já não são.»
Ler, Outono de 1991

SOCIALISMO REAL

«O modelo falhou, não tenho dúvidas. É mais do que óbvio. Poderemos dar-lhe os nomes que quisermos, socialismo científico, socialismo real, mas os factos estão aí, a dizê-lo e a prová-lo claramente: o modelo real falhou. Este era um dos modelos possíveis. Mas penso que o ideal não morre. Sobreviverá, disso tenho a certeza, e haverá tempo para pensar nele noutra escala, noutras condições.»
Ler, Outono de 1991



INTERVENÇÃO

«As grandes épocas de intervenção dos escritores na vida política e social são épocas em que a importância dos media é reduzidíssima. Hoje os papéis invertiram-se. O escritor já não tem o papel de amplificador, de altifalante. Esse papel cabe ao jornalismo. Ao escritor cabe ir às questões essenciais.»
Ler, Outono de 1991

ATEÍSMO

«Para se ser ateu como eu sou, deve ser preciso uma alto grau de religiosidade.»
Ler, Outono de 1991

PCP

«Apesar das discordâncias, existe bastante harmonia entre o que penso e o que o partido como projecto de sociedade contém. Não tenho medo de perder a bengala, a referência, a missa laica, mas considero que o partido tem sido um agente de intervenção na vida do nosso País antes e depois do 25 de Abril e pode ser um instrumento de transformação da sociedade portuguesa.»
Expresso, Novembro de 1991

CRISTIANISMO

«(...) O Cristianismo não valeu a pena; (...) se não tivesse havido cristianismo, se tivéssemos continuado com os velhos

deuses, não seríamos muito diferentes daquilo que somos.»
Expresso, Novembro de 1991

PESSIMISMO

«Eu sou tão pessimista que acho que a humanidade não tem remédio. Vamos de desastre em desastre e não aprendemos com os erros. Para solucionar alguns dos problemas da humanidade, os meios existem e contudo não são utilizados.»
Expresso, Novembro de 1991

RECONHECIMENTO

«Rejeito radicalmente a ideia de que sou um escritor europeu. Sou um escritor português e a nada mais aspiro. Ser ou não ser conhecido, ser ou não ser best-seller, ser ou não ser traduzido em 26 línguas ou 260 não tira nem acrescenta nada a esse facto.»
Expresso, Novembro de 1991

EUROPA

«Sempre se falou da Europa como de um mercado com não sei quantos milhões de consumidores, ninguém falou na Europa dos cidadãos que precisam de medicamentos, pensões de velhice dignas, assistência hospitalar, sistemas educativos modernos.»
Expresso, Agosto de 1993

MODELO

«Sou comunista, e provavelmente con-

tinuarei a sê-lo até ao resto dos meus dias, mas estou pronto a reconhecer os méritos de um sistema político que não sendo do tipo socialista ou socializante reconheça aos cidadãos o exercício quotidiano do direito de intervenção que não se limite a uma sombra de democracia que é a que vivemos. Chama-se o cidadão para duas coisas: para pagar os impostos e exercer o direito de voto»

Expresso, Agosto de 1993

LISBOA

«A Lisboa de hoje não me agrada nem a conheço, porque é uma cidade que não comunica, ruidosa, cheia de poluição, agressiva, com um trânsito infernal»

El País, Janeiro de 1994

TRANS-IBERISMO

«Inventei para mim algo a que chamei trans-iberismo. Uma ideia que assenta no pressuposto seguinte: que existe na Península Ibérica uma vocação do Sul. Que sempre esteve latente mas que circunstâncias políticas, económicas, geo-estratégicas abafaram. (...) Era disso que eu falava n'A *Jangada de Pedra*: cumprimos a vocação do Sul que vive em nós, mas que nos últimos anos se tornou cada vez mais longínqua, esmagada pela obsessão europeísta.»

Público, Junho de 1994

REVOLUÇÃO

«As revoluções acabam sempre traídas por uma razão simples: a renúncia dos cidadãos a participar.»

El País, Outubro de 1994

ILUSÕES

«Como nunca fiz projectos de carreira literária, nunca tive ilusões, e, como não tinha ilusões, também não tive desilusões.»

VISÃO, Abril de 1995

CONSELHO

«Ao jovens escritores dir-lhes-ia apenas isto: 'Não ter pressa e não perder tempo. E ler muito, se faz favor...'.»

VISÃO, Abril de 1995

FUTURO

«Portugal está morto porque não tem uma ideia própria de futuro. Que vai passar-se no meu País dentro de 50 anos? É uma pergunta que me faço pensando numa Europa que tem uma lógica própria e não tem em conta o que é cada um. Em Portugal, vivemos o dia-a-dia. Portugal

não sabe quem é e para onde vai.
Diário 16, Maio de 1995

SENTIMENTAIS

«Nós, portugueses, somos facilmente sentimentais. Temos sentimentos com demasiada facilidade, o que não significa que sejamos capazes de grandes sentimentos. E são os grandes sentimentos, e não os sentimentalismos, que nos exaltam, que nos fazem acreditar.»

Folha de S. Paulo, Setembro de 1996

VITÓRIAS

«O mal que têm as vitórias é que não são definitivas. O bom que têm as derrotas é que também não são definitivas.»

VISÃO, Abril de 1997

HIPERMERCADOS

«Os hipermercados não tomaram apenas o lugar das catedrais, eles são também as novas escolas e as novas universidades, abertas a maiores e a menores sem distinção, com vantagem de não existirem exames à entrada ou notas máximas, salvo aquelas que na carteira se contiveram e o cartão de crédito cobrir»

VISÃO, Janeiro de 1998

HUMILHAÇÃO

«Por um uso perverso da razão viemos dividindo a humanidade em categorias irredutíveis entre si, os ricos e os pobres, os senhores e os escravos, os poderosos e os débeis, os sábios e os ignorantes, e em cada uma dessas divisões fizemos divisões novas, de modo a podermos variar e multiplicar à vontade, incessantemente, os motivos para o desprezo, para a humilhação e a ofensa.»

VISÃO, Junho de 98

CASO CLINTON

«O acosso político e mediático ao Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, consequência dos seus entretenimentos eróticos e da sua irremediável dificuldade em distinguir entre verdade e mentira, se é certo que divertiu metade do mundo, chegou a tal ponto que acabou por pôr em movimento a indignação da outra metade. A mim pareceu-me bem. No entanto, ter-me-ia parecido melhor que as duas metades se tivessem posto de acordo para exigir contas pela morte dos sudaneses vítimas inocentes do alarde guerreiro do sr. Clinton. Esqueceram-se de o fazer, talvez por considerarem que uns quantos pretos a mais ou a menos não fazem diferença ao mundo...»

VISÃO, Outubro de 1998

A OBRA

Em Nome de Saramago

Com 28 livros em 51 anos de escrita, construiu uma das mais sólidas bibliografias portuguesas, que se estende do romance e da poesia às crónicas, aos apontamentos de viagem ou às notas diarísticas. As suas obras, uma a uma, vistas pelo próprio e pelos críticos

FILIPA MELO

TERRA DO PECADO, 1947

Em tempo indeterminado, numa quinta, junto a uma aldeia onde passa um afluente do rio Tejo, vive um casal com dois filhos e a criadagem. O pai de família, doente, acaba por falecer. Viúva, Maria Leonor fica sozinha com os filhos, o cunhado e a criada Benedita. O luto levará o seu tempo, mas uma vez recomposta, é o cunhado quem surge a cobiçar a sua atenção. Benedita apercebe-se do relacionamento amoroso de ambos e tudo fará para colocar um ponto final na relação - ameaça Leonor e faz da sua vida um inferno. No final da trama é a própria Leonor quem tenta fazer as pazes com a criada. É esta a história-base do primeiro romance de Saramago, por ele próprio enfeitado durante duas décadas e reeditado em 1997 pela Caminho, a editora que lhe dá vida aos livros desde 1979.

«Era para se chamar *Viúva*. O editor terá torcido o nariz. 'Um putro de 24 anos sabia tanto de viúvas como de pecados'. Actualmente não sente o livro como seu e só

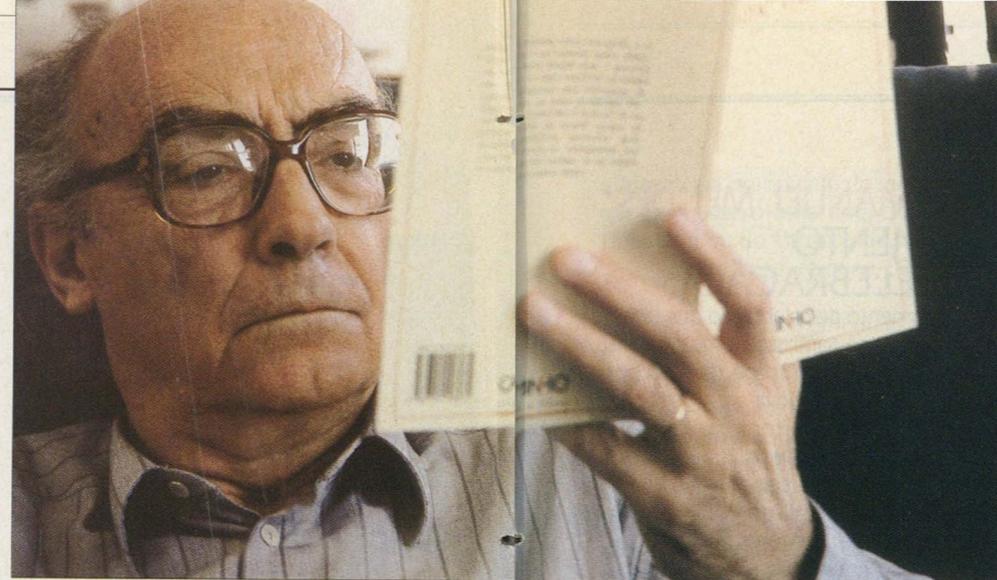
o espreita de vez em quando para ver se não 'existem muitos disparates'.» (Saramago, *Público*, 3/02/1997)

OS POEMAS POSSÍVEIS, 1966 (poesia) PROVAVELMENTE ALEGRIA, 1970 (poesia)

«Poderia ser um poeta com alguns poemas mais ou menos bons, mas não mais do que isso. Cheguei à conclusão de que essa não era a minha forma. Relendo agora esses poemas, está lá que aquele senhor tinha que ser outra coisa.» (Saramago, *JL*, 18/04/1989)

MANUAL DE PINTURA E CALIGRAFIA, 1977

Neste que é hoje considerado o primeiro romance de José Saramago, existem um pintor e uma viagem. O pintor hesita, falta-lhe a coragem para usar engenho e arte e criar. Por isso, parte numa viagem a Itália que é uma peregrinação pelos museus e por vários registos dos feitos artísticos humanos. A narrativa encerra dois níveis: o da viagem e outro, de autobiografia. Embarcamos pois, nós também, numa visita guiada pelo



universo saramaguiano. Serve-nos de farol, uma frase do protagonista: «Viajo devagar. O tempo é este papel em que escrevo.» Servir-nos-á de referência para toda a obra do autor.

AS OPINIÕES QUE O 'DL' TEVE, 1974

Resenha de textos que Saramago publicou enquanto editorialista do *Diário de Lisboa*, entre 1972 e 1973.

A NOITE, 1979

Foi considerada pela Associação de Críticos Portugueses a melhor peça de teatro portuguesa representada em 1979

LEVANTADO DO CHÃO, 1980

Prémio Cidade de Lisboa 1980, Prémio Internacional Ennio Flaiano 1992. Com este romance, a obra de Saramago atinge a notoriedade. A narrativa acompanha a saga de uma família fundiária alentejana, os Mau-Tempo, e entrecruza-a com a dos trabalhadores, alguns anónimos, ao longo dos três primeiros quartéis deste século. Nela, o autor apresenta algumas daquelas que virão a ser algumas das marcas centrais da sua obra: o cenário histórico, a encruzilhada de registos narrativos, os ideais políticos e ideológicos como pano de fundo e justificação para a trama. O núcleo central da obra é a secular luta do homem contra a opressão e a exploração, a fome crónica vivida ao longo de gerações, a necessidade de revolução das classes e do mundo. A acção inicia-se em 1900 e fecha-se em 1975. A história de Portugal neste século percorre todas as páginas e desemboca num quadro: o da constituição de uma cooperativa agrícola, da tomada de consciência por parte dos trabalhadores dos seus direitos e da justiça das suas reivindicações, de uma revolução possível. A escassez de pontuação, presente neste e em todos os romances futuros, é então justificada por Saramago pela tentativa de imprimir à escrita «o fluxo da fala». Mais

tarde contará a história de um amigo a quem ofereceu um exemplar de *Levantado do Chão* e que lhe telefonou depois a queixar-se de que tinha desistido ao fim de três páginas porque não entendia nada do que ali se lia. E explicará: «Aconselhei-o a ler em voz alta e ele voltou a ligar-me, 24 horas depois, a dizer: 'Já percebi o que tu queres'.»

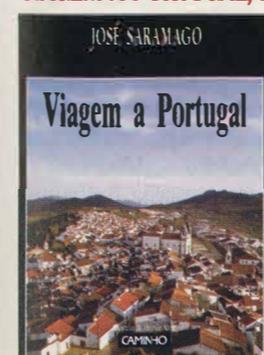
«História e política sustentam as significações e fazem-no de forma tão equilibrada, tão puramente literária, que em nenhuma altura a demagogia ou o moralismo contaminam a escrita. Nunca a veiculação de valores, o mero apontar de uma tese adquire predominância sobre o estético-literário.» (Maria Lúcia Lepecki, *JL*, 27/10/1981)

QUE FAREI COM ESTE LIVRO?, 1980

Texto teatral centrado na figura do poeta Luís de Camões.

VIAGEM A PORTUGAL, 1981

Livro ilustrado com fotografias, entre outros, do próprio autor e no qual ele trabalhou durante dois anos, percorrendo Portugal de lés-a-lés. No lançamento da primeira edição, o autor apresentou-o como «a história de um viajante que soube reflectir as imagens exteriores, os valores artísticos e as pessoas que constituem a verdadeira face da terra portuguesa». Reúne anotações de viajante, referências culturais e históricas, um enorme manancial de informações que comprovam a riquíssima e profunda cultura geral de José Saramago.



MEMORIAL DO CONVENTO, 1982

«Era uma vez um rei [D. João V] que fez promessa de levantar um convento em Maфра. Era uma vez gente que construiu esse convento. Era uma vez um soldado maneta e uma mulher que tinha poderes. Era uma vez um padre que queria voar e morreu doído. Era uma vez.» Assim se lê na contracapa da primeira edição deste romance de Saramago, que é usualmente destacado pela generalidade dos portugueses anónimos ou figuras públicas consultados sobre a sua lista pessoal dos romances portugueses preferidos. A história da paixão de Blimunda, aquela que, em jejum, via através dos corpos, e do soldado maneta Sete Sóis conquistou gerações de leitores e firmou-se para sempre no imaginário português. Mais uma vez, a temática da História torna-se central na obra de Saramago. É ela que sustenta a sobreposição de níveis narrativos, aquilo a que a Maria Alzira Seixo chamou «uma espécie de arquitecto onde se imaginam impressos os rastos dos vários tempos que a sua ficção atravessa». A reconstrução do passado, neste caso a das circunstâncias que envolveram a edificação do Convento de Maфра, no século XVIII, é magistralmente cruzada com a subjectiva consciência narradora. Saramago torna-se mestre nas parábolas, está cada vez mais seguro de que a expressão das suas convicções pessoais encontra no tecido histórico um pano de fundo narrativo ideal. O livro foi distinguido, em 1982, com os prémios PEN Club Português e Prémio Literário do Município de Lisboa.

«A mais vigorosa escrita dos últimos anos não tem vindo das grandes potências ocidentais mas de países pequenos, empobrecidos. (...) Este romance deverá ajudar-nos a enterrar a noção de que na sequência do período heróico do modernismo literário, só poderíamos ter uma literatura de vozes tímidas e pequeno fôlego.» (Irwin Howe, *New York Times Book Review*, 16/11/1987)

O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS, 1984

É talvez a mais premiada obra de Saramago, distinguida com o Prémio PEN Club Português (em 1984), o Prémio da Crítica da Associação Portuguesa de Críticos (1984), o Prémio Dom Dinis, da Fundação Casa de Mateus (1986), o italiano Prémio Grinzane-Cavour 1987 e o prémio do jornal inglês *The Independent* (1993). Alega Saramago que, tal como lhe viria a acontecer com outros romances, a ideia e

JORGE AMADO DUPLAMENTE FELIZ

Acabo de saber que o Prémio Nobel foi concedido ao escritor português José Saramago. A notícia causa-me grande satisfação. Se alguém merece o Nobel esse alguém é José Saramago. Ao premiar a literatura portuguesa, através de José Saramago, um dos mais expressivos escritores do mundo contemporâneo, o Prémio Nobel finalmente faz justiça à língua portuguesa. Ficamos, Zélia e eu, duplamente felizes, pois, além de grande escritor, o prémio foi concedido a um grande e querido amigo.



*depoimento lido por Zélia Gattai, mulher do escritor brasileiro

o miolo central deste livro lhe ocorreram um dia, de modo inexplicável, sob a forma de visão. Esta ter-lhe-á «caído do tecto num quarto de hotel berlinense». Trata-se da reinvenção narrativa da biografia do último ano da vida de Ricardo Reis, o famoso heterónimo de Fernando Pessoa, feita a partir da leitura geral da obra do poeta. Os críticos chamaram-lhe uma «paródia intertextual». Com uma estrutura arrojadíssima, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* é antes de mais um divertido jogo de troca de identidades na colectividade da heteronímia pessoana e de invenção-recriação de conteúdos poéticos e imaginários. O médico aristocrata Ricardo Reis é apresentado em duas facetas distintas e contraditórias. Ele é o genial criador de perfeitos versos neoclássicos, mas também o sujeito de uma vida íntima e quotidiana indigna e, de certo modo, ridícula. Na ficção de Saramago, Reis vive a paixão por duas musas, Lídia e Marcenda, reflectidas nos seus versos reconhecidos, mas aqui apresentadas de um modo humano e, por isso, ironicamente inusitado. Lídia é a criada que o serve e que secretamente dorme na sua cama. Marcenda, com o seu braço esquerdo paralisado, é a menina de família que ele corteja em público e que, no romance, nos dá o registo de Lisboa sob o regime salazarista. Ricardo Reis é um homem dividido, incapaz de fingir tão completamente co-

RAY-GÜDE MERTIN* NÃO HOUVE ESTRATÉGIA

«Estamos todos felicíssimos. É a consagração da grande obra dele e é, ao mesmo tempo, um grande evento para a língua portuguesa. Apesar de saber que, já no ano passado, a decisão de premiar Dario Fo ou José Saramago só foi tomada 15 minutos antes de ser anunciada, nunca ousei esperar que este fosse o ano de Saramago. Não houve nenhuma estratégia ou trabalho de bastidores — só uma esperança que, mesmo assim, não quis cultivar demais. O que está aí [o que justifica o prémio] é a sua obra e o relacionamento que ele tem com

os leitores, um mundo de leitores que foi conquistando aos poucos.»

*Agente internacional do escritor



▶ EM NOME DE SARAMAGO

mo Pessoa lhe exigiria. Saramago explora a pessoa questão da identidade de modo tão magistral que se torna capaz de brincar com ela.

A JANGADA DE PEDRA, 1986

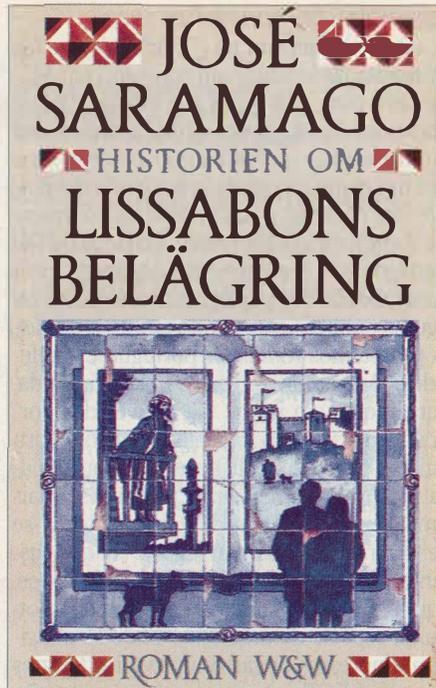
Dele disse o próprio Saramago que se trata de «um romance falhado, porque começa pelo clímax e o mais forte do livro está naquelas 20 ou 30 páginas onde se descreve a fractura da Península Ibérica». É o seu livro mais iberista e serviu sobretudo para o autor justificar a sua tese de que a ligação mais natural de Portugal não é à Europa, mas sim, e antes do mais, a Espanha. De registo fantástico, a narrativa leva-nos a imaginar o dia em que a Península Ibérica se separou da Europa e se tornou uma jangada, à deriva pelo mundo, mas coesa em si própria.

A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS, 1987

Tal como mais tarde aconteceria com *In Nomine Dei*, Saramago utiliza esta peça de teatro como parábola para intervir «em nome de Deus» junto dos homens. Nela, Francisco de Assis funda uma companhia e parte pelo mundo, pregando o despojamento. Quando regressa do seu périplo, os seus antigos companheiros transformaram a Companhia numa fértil e rica empresa. Saramago ironiza, baralha as referências do universo cristão, para, no final, deixar clara a mensagem de que é um ateu e de que são estranhas e perplexamente confusas as malhas com as quais Deus teceu o seu império na terra.

HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA, 1989

Disse um dia o autor que toda a sua obra é «uma meditação sobre o erro». No caso deste livro, tal afirmação é evidente. Raimundo da Silva, tímido e introvertido revisor, cúmplice do autor, revê as provas de um trabalho sobre a história do



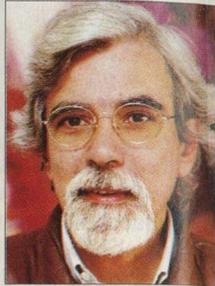
cerco de Lisboa, ocorrido em 1147. Embora a sua profissão o tenha colocado sempre aquém das obras que revê, Raimundo não hesita em nelas misturar a sua versão para as histórias que lhe passam pelos olhos. É assim que vence a sua inadequação à vida, perdido entre provas, dicionários e vocábulos, subvertendo a história do cerco de Lisboa e revendo igualmente a sua própria história pessoal. Na narrativa, cruzam-se os registos históricos, os de Raimundo e da sua paixão por Maria Sara, os da história de amor entre o soldado Mogueime e Ourana, e revelam-se todas as características da prosa de Saramago. Lá estão a articulação do diálogo, a ligação entre o discurso directo e indirecto, uma pontuação singular. O livro demorou 14 meses a ser escrito e nele Saramago caminha para um enredo em planos distintos, sempre tutelado por uma forte presença do narrador, que será cada vez mais vincada nas suas obras seguintes.

O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO, 1991

Grande Prémio APE 1992, *O Evangelho* é um grande romance em vários sentidos. No volume de páginas, 445, e na ousadia do tema. Nele, Saramago dá a volta à história tradicional de Jesus, invertendo a perspectiva apresentada nos Evangelhos, criando ficções para preencher os lapsos na biografia de Cristo ou apresentando novas teorias, interpretações e interrogações sobre ela. Aqui, Jesus é um homem que expia antes do mais as culpas do seu pai, José, incapaz de o avi-

JOSÉ MANUEL MENDES* MOMENTO DE CELEBRAÇÃO

É um momento de celebração que une os amigos de José Saramago e os seus inumeráveis leitores em torno de uma obra cuja capacidade de inovação e interrogação do mundo e do ser há muito havia merecido uma consagração plena à escala do mundo. Houve sempre uma relação intensamente afectiva entre José Saramago e os seus leitores, pelo que, neste momento, serão estes os que mais euforicamente sentem a justeza da decisão do Comité de Estocolmo que apenas peca por tardia.



A dignidade com que o meu amigo José Saramago ao longo dos anos sempre atravessou as mil controvérsias a propósito da atribuição ou não do Prémio que hoje lhe é conferido constitui, a meu ver, a demonstração cabal de uma personalidade que não pode dissociar-se dos romances e dos textos que nos vem destinando. Este triunfo, que não vejo assumido contra ninguém mas sim honrando o que na literatura é humanismo, inconformação, renovo e devir constante veio, afinal, culminar um processo de consagração universal que há muito se achava estabelecido.

*Presidente da Associação Portuguesa de Escritores

sar da morte que lhe será trazida pelos soldados de Herodes. Vive uma louca paixão por Maria Madalena e é sobretudo uma figura dramática, através da qual Saramago apresenta Deus como o «mau da fita», a entidade opressora, cruel e dominadora, o representante do poder. A escrita, brilhante, surpreende-nos a cada página e chocou o mundo. Saramago prossegue a tendência para concentrar a acção numa só figura e abandona em parte a escrita barroca que o vinha caracterizando desde *Memorial do Convento*. Problematisa temas e figuras religiosas, explora o sentido da culpa, a responsabilidade ética e moral do homem, a sua relação com Deus. Mais tarde, alegará que o livro desiludiu os leitores e ofendeu a fé cristã apenas porque é, afinal, «um Evangelho segundo José Saramago».

«Deus quis este livro. (...) Não penso que



a Igreja caia no ridículo de me excomungar nem espero uma nota do Conselho Episcopal ou do Patriarcado.»

(Saramago, *Público*, 02/11/1991)

«A tentativa de instrumentalização, positiva ou negativa, de uma obra de arte, não é própria das democracias, seja feita em nome de verdades oficiais ou de juízos de quem detém o poder. A liberdade de criação e a independência dos criadores, contra qualquer tutela espúria, são princípios fundamentais que as sociedades modernas consagraram e que justamente constituem nobres títulos de orgulho.»

(Mário Soares, *JL*, 14/07/1992)

IN NOMINE DEI, 1993

Nesta peça, Grande Prémio de Teatro APE/SEC em 1993, Saramago reconstrói a guerra santa que dizimou a cidade de Münster, na Alemanha, ocupada por radicais anabatistas que aí pretendiam instalar a Nova Jerusalém, entre 1532 e 1535. Mais uma vez, o autor «fala» de como, para ele, Deus pode ser uma personagem dúbia, falível, destruída através da divisão dos seus fiéis. *In Nomine Dei* é uma metáfora ao fanatismo, porventura escrita com o único propósito de demonstrar a fragilidade da religião. Talvez por isso o anúncio do livro foi, na época, proibido na estação de televisão TVI. Saramago revelou na altura da publicação da primeira edição que a ideia lhe surgiu como uma visão, quando um dia passeava pelas ruas de Sevilha. Olhando para uma banca de jornais, pareceu-lhe ver, tal qual, o título do romance, construído a partir dos cabeçalhos das publicações expostas. Inspiração, iluminação divina? Não se sabe.

«A intenção é claríssima: mostrar a irracional permanência do massacre do homem contra o homem, em nome de Deus, fora da dimensão circunstancial e longínqua da televisão. Dito de forma mais militante: lutar contra o esquecimento proposto pela civilização da velocidade. (...) Em verdade vos digo que Saramago é - com Vergílio Ferreira, embora por caminhos opostos - o interlocutor literário de Deus no Portugal contemporâneo.»

(Inês Pedrosa, *Expresso*, 20/03/1993)

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA, 1995

Ficção sobre um mundo em que as pessoas estão cegas para os problemas reais, ofuscadas pelas imagens. Existe um cão que vê e que guia os doentes através de uma cidade invadida por hordas devastadoras de

cegos, esses que mais tarde as entidades encerrarão no gueto, separando-os do mundo daqueles que vêem ou pretendem ver. Saramago surge definitivamente como um mestre da parábola e de uma acutilante crítica social e política.

CADERNOS DE LANZAROTE DIÁRIO I, 1994

CADERNOS DE LANZAROTE DIÁRIO II, 1995

CADERNOS DE LANZAROTE DIÁRIO III, 1996

CADERNOS DE LANZAROTE DIÁRIO IV, 1997

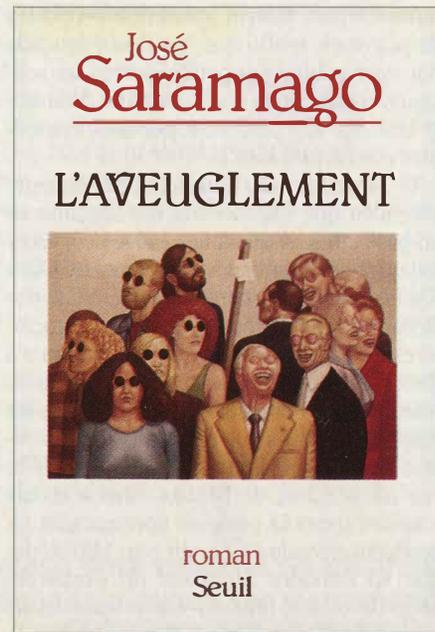
Não se trata de diários confessionais, mas antes de uma espécie de «carnets de voyage» literária nos quais, quase diariamente, Saramago regista impressões, ajusta contas, assenta notas, esclarece dúvidas, apresenta parte do seu mundo e se assume finalmente como único narrador.

«Não existe real, não só porque toda a escrita é representação, mas porque não existe presente; o que existe é uma sobreposição de níveis narrativos em Saramago (ou aquilo a que chamei a história do processamento de uma ficção, que é uma espécie de arquitecção onde se imaginam impressos os rastros dos vários tempos que a sua ficção atravessa).»

(Maria Alzira Seixo, *JL*, 23/04/1997)

TODOS OS NOMES, 1997

José é um humilde auxiliar de escrita na Conservatória Geral do Registo Civil, em Lisboa. Sujeito cinzento, solitário, habitante



JOAQUIM BENITE* 'MEMORIAL DO CONVENTO' ESTREIA EM JANEIRO

«Posso afirmar que fui eu quem, pela primeira vez, encenou em Portugal uma peça do prémio Nobel José Saramago. Fi-lo em 1979 e a peça era *A Noite*, um texto que lhe fora inicialmente pedido pela Luzia Maria Martins mas que, por razões diversas, foi a Companhia de Teatro de Almada que levou à cena. O êxito que teve levou-me a encenar, dois anos mais tarde, em 1981, *Que Farei com Este Livro*. Foram experiências muito importantes, sobretudo *A*



Noite, porque foi apresentada numa altura em que o teatro ainda estava pouco desenvolvido no nosso País. Recordo-me que José Saramago fazia questão em assistir aos ensaios, embora nunca tivesse a intenção de interferir no nosso trabalho.

Em Novembro começaremos a ensaiar o Memorial do Convento. Saramago teve vários convites para adaptar a obra ao cinema, inclusive de Hollywood, mas nunca consentiu, cuja estreia está prevista para Janeiro do próximo ano. Trata-se de uma co-produção entre as companhias de Teatro de Almada e a de Sintra, já que a ideia de adaptar a obra partiu de João Melo Alvim, o director da Companhia de Teatro de Sintra.

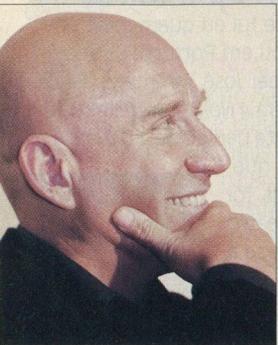
A atribuição do Nobel da Literatura a José Saramago deixa-me muito feliz por três motivos: porque é justamente merecido; porque é o segundo ano consecutivo que se atribui este prémio a um escritor com uma obra teatral; e porque Saramago é uma pessoa de uma verticalidade e seriedade incontestáveis, e muito trabalhador — é um homem que se fez a si próprio.»

* Director e encenador da Companhia de Teatro de Almada

de uma esconsa mansarda anexa à Conservatória, vive de pequenos rituais que cumpre de modo metódico como centro e razão da sua existência. No romance de outro José, Saramago, vive por fim a grande aventura da sua vida, capaz de revolucionar o seu pequeno mundo. Coleccionador de dados sobre pessoas célebres, José depara um dia com a ficha de «uma mulher desconhe- ▶

**SEBASTIÃO SALGADO
UMA OBRA LINDA**

Soube da atribuição do prémio muito cedo, porque um jornalista do *New York Times* telefonou a pedir-me o contacto de José Saramago. Senti, nessa altura, uma felicidade profunda. Que será eterna. É como se fosse eu a receber o Nobel. Respeito muito a sua



obra – é toda linda – e o seu comportamento perante a vida. Foi para mim uma honra trabalhar com José Saramago no livro *Terra*. Ele empenhou-se com dedicação neste projecto, visitou o Brasil, deu conferências, falou com estudantes, discutimos juntos a problemática dos Sem Terra... É, sobretudo, um homem de uma solidariedade imensa. Identifico-me com ele, porque, afinal, ao longo do nosso trabalho, tratamos os dois do comportamento do bicho homem; mas também a nível social, onde os nossos compromissos são os mesmos. Sinto-me, ainda, felicíssimo pelo povo português. O reconhecimento da obra tão fabulosa deste escritor é também uma vitória para o vosso povo.

Fotógrafo

► **EM NOME DE SARAMAGO**

cida», pela qual se sente obcecado de um modo irracional. Procurará o seu rasto ao longo das 279 páginas do romance. Em vão. No final, nem ele nem nós chegaremos a conhecer o seu verdadeiro nome. Chegámos demasiado tarde. ■

OUTROS TÍTULOS:

DESTE MUNDO E DO OUTRO, 1971

(crónicas)

A BAGAGEM DO VIAJANTE, 1973

(crónicas)

O ANO DE 1993, 1975 (prosa)

OS APONTAMENTOS, 1976 (prosa)

OBJECTO QUASE, 1978 (contos)

POÉTICA DOS CINCO SENTIDOS, 1979

(poesia)

Com Blandina Costa e Catarina Fonseca

MAFRA

**Todos os nomes...
menos esse**

A Câmara Municipal de Mafra não quer que a Escola Secundária local tenha o nome do escritor. E não poupa insultos

‘O *Memorial do Convento* não dignifica Mafra, antes pelo contrário, apenas a amesquinha, da mesma forma como amesquinha a história pátria.» Foi desta forma eloquente que a Câmara Municipal de Mafra recusou, em Maio, através de uma carta, a proposta da direcção da escola secundária da cidade para dar o nome de José Saramago ao seu estabelecimento de ensino. Ana Maria Gonçalves, presidente da Comissão Executiva da escola, explica que o conselho directivo lamentou que o município não emitisse um parecer positivo mas, ainda assim, decidiu avançar com a proposta para o Ministério da Educação. «A lei diz que tanto a escola como a Câmara podem apresentar propostas de patronos, sendo que, quando é lançada por apenas uma das partes, deverá ser solicitado o parecer da outra entidade. Não exige que este seja positivo e, por isso, avançamos com o processo.»

O Ministério da Educação, no entanto, entendeu que não deveria dar seguimento ao projecto sem que antes estivessem esgotadas todas as tentativas de consenso. Clara Simões, do Departamento de Gestão dos Recursos Educativos, explica que o processo está «congelado» até que «a Câmara e a direcção da escola se entendam e cheguem a um nome consensual, o que julgamos ser possível, uma vez que a Câmara propôs outros três nomes (Aires de Carvalho, Júlio Ivo ou Sanches de Brito)». Mas a escola mantém todas as posições apresentadas na proposta enviada à Câmara e ao Ministério: que «o romance *Memorial do Convento*, texto de estudo literário nos programas de ensino do Português do 12º ano e traduzido



MINISTRO DOS SANTOS, PRESIDENTE DA EDILIDADE

«O *Memorial do Convento* apenas amesquinha Mafra»

em muitas línguas, tem divulgado pelo mundo a vila de Mafra e o seu património cultural» e que «o encanto da sua estética literária contribuiu para imortalizar a cidade, os seus lugares e as suas gentes». Querem homenagear o escritor e não aceitam outro nome.

O presidente social democrata de Mafra, Ministro dos Santos, foi abordado no início de Agosto por Duarte Lima, presidente da Comissão Política do PSD em Lisboa, no sentido de mudar a sua posição. «Disse-lhe que estava a ser injusto com o escritor e pedi-lhe que revisse a sua posição, aceitando a proposta da escola.» Duarte Lima, profundo admirador da obra de José Saramago, vai mais longe e considera que «o PSD devia pedir desculpas públicas» ao agora Prémio Nobel e lamenta que se tenham «misturado questões culturais com questões políticas».

Contactada pela VISÃO, a Câmara Municipal de Mafra, que já em 1993 lhe tinha recusado a medalha de ouro da cidade, mostrou-se indisponível para comentar o assunto. ■

COMENTÁRIO



Enfim, um Nobel em português

JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

Se tivesse que sintetizar em três ou quatro linhas o que significa a atribuição do Prémio Nobel a José Saramago, talvez dissesse: significa a reparação tardia de uma injustiça histórica para com a literatura de língua portuguesa e a definitiva consagração universal de um grande escritor, em cuja obra estão bem presentes Portugal e «a gente concreta que somos nós», para citar uma expressão por ele utilizada em conversa comigo. Noventa e sete anos e quase uma centena de galardoados depois de ter sido instituído o famoso prémio, era um autêntico escândalo nunca ter distinguido um autor do nosso idioma.

Não faltavam, não faltaram e não faltam poetas e ficcionistas, que escreveram ou escrevem em português, com uma qualidade literária e com obras mais importantes, quanto estas coisas são *mensuráveis*, do que muitos, se não a maioria, dos até agora premiados. Se a isto se acrescentar que o nosso idioma é o sexto com mais falantes em todo o mundo, e o terceiro, entre esses seis, com falantes espalhados por mais continentes e latitudes – logo se alcança a enormidade da *lacuna* que a Academia Sueca agora, finalmente, supriu.

De há muito tempo esperada, porque há muito mais tempo merecida, a atribuição do Nobel ao autor de *Memorial do Convento*, e de outros títulos maiores da literatura portuguesa contemporânea, acabou por surpreender tudo e todos! Quando o ano passado Portugal foi o País-tema, convidado especial da imensa Feira do Livro de Frankfurt, generalizou-se a convicção de que era agora... Tínhamos tudo preparado para isso, inclusive a hipótese de uma edição especial. (A 9 de Outubro, dia em que o nome do vencedor foi revelado, e pouco antes disso acontecer, falei com Saramago, para Lanzarote, e ele próprio tinha necessariamente essa expectativa, até porque os jornalistas lhe cercavam a casa.) Mas não foi. E este ano, em que todos, o escritor incluído, resolveramos fazer de conta que o prémio não existia, ou melhor: que já nem cogitávamos pudesse vir dar à praia e à pátria da nossa língua, aí está ele.

Ai está ele, merecidíssimo. Ao longo destas últimas duas décadas o autor de *Os Poemas Possíveis* construiu uma vasta e sólida obra, em que sobressaem diversos romances notáveis pela originalidade e a força das histórias, e/ou sobretudo dos seus ângulos de abordagem, servidas por um

singular poder narrativo, com uma linguagem e num estilo pessoalíssimos. Desde *Levantados do Chão* Saramago se impôs como um inconfundível narrador, desde *Memorial do Convento*, Saramago se impôs como um grande criador da literatura da nossa língua – o que títulos posteriores, como *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, *A Jangada de Pedra*, *História do Cerco de Lisboa* e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, vieram confirmar. E, além de confirmar, mostrar – abrir – novos horizontes. Como o fizeram, mais recentemente, *Ensaio sobre a Cegueira* e *Todos os Nomes*, livros em que o escritor trata outras realidades, a partir da reflexão criativa, se me é permitida a expressão, sobre alguns dos problemas e das angústias mais prementes do nosso tempo.

Que a sua obra, a cuja qualidade intrínseca o Nobel nada adianta, tenha alcançado já, antes deste galardão, projecção universal, não deixa de ser significativo. Que essa obra tenha no Brasil tanto prestígio, popularidade e número de leitores como tem em Portugal – como antes só aconteceu com Eça de Queiroz e Fernando Pessoa – é duplamente bom: assim, os nossos irmãos do *lado de lá* melhor sentirão o prémio como também seu. Que Saramago, que só começou o melhor da sua obra numa idade em que a generalidade dos escritores a está a concluir, não mudará nada com este prémio, como não mudou com a fama há muito alcançada, é reconfortante. Estamos por isso seguros que o continuaremos a ter a nosso lado. Inclusive aqui nas colunas da VISÃO.

Prémio merecidíssimo, pois, insisto. Como merecidíssimo seria se dado, anos atrás, a Carlos Drummond de Andrade, para falar de um enorme poeta brasileiro já desaparecido. Ou a Miguel Torga, para falar de um poeta português também já morto. Ou ao Jorge Amado ou ao José Cardoso Pires, para citar dois outros admiráveis escritores de ambos os lados do Atlântico, cujo estado de saúde não torna possível esperar futuras obras novas. Ou, e agora referindo só escritores de Portugal, velha Pátria que ao longo dos séculos teve na poesia a sua expressão literária por excelência, poetas como Sophia de Mello Breyner – que o próprio Saramago apontou, em 97, como exemplo de escritora que a vários títulos o justificava –, Eugénio de Andrade ou Herberto Helder.

Noventa e sete anos e quase uma centena de galardoados depois de instituído o Prémio Nobel, era um escândalo nunca ter distinguido um autor da nossa língua

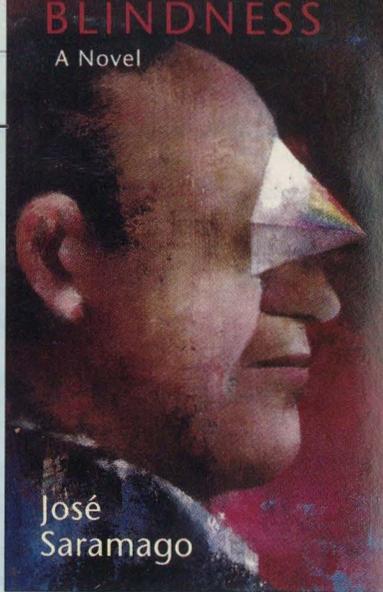
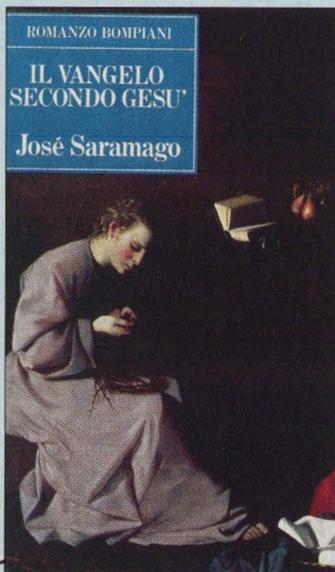
EDIÇÕES ESTRANGEIRAS

O conquistador

José Saramago é editado em 31 países, mas, no Brasil e em Espanha, o carinho que lhe dedicam é especial. As editoras estão em festa!

‘Tá todo o mundo correndo!’ – a expressão é de Ruth Lanna, da editora Companhia das Letras, que edita José Saramago no Brasil, para descrever as horas loucas do pós-Nobel. O clima na editora é de «comemoração», ao telefone pedidos de jornalistas – foi aliás por eles que a responsável pelo sector de divulgação soube da notícia. Apesar de, no Brasil, se torcer desde há muito por Jorge Amado e João Cabral de Melo Neto, o Nobel também foi sentido além-Atlântico como «verde e amarelo»: «Final, a língua é a mesma! Este é também um prémio à nossa língua comum, que nunca tivera um Nobel. É por isso um motivo de grande alegria.»

Saramago é um escritor que-



EUA (5)
Memorial do Convento
O Ano da Morte de Ricardo Reis
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
Levantado do Chão
A Jangada de Pedra

MÉXICO (3)
Levantado do Chão
Memorial do Convento
História do Cerco de Lisboa

COLÔMBIA (4)
Levantado do Chão
Memorial do Convento
História do Cerco de Lisboa
O Evangelho Segundo Jesus Cristo

ARGENTINA (3)
Memorial do Convento
História do Cerco de Lisboa
O Evangelho Segundo Jesus Cristo

INGLATERRA (10)
A Jangada de Pedra
Ensaio sobre a Cegueira
História do Cerco de Lisboa
O Ano da Morte de Ricardo Reis
Viagem a Portugal
Levantado do Chão
Memorial do Convento
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
Manual de Pintura e Caligrafia
Ensaio sobre a Cegueira

SUIÇA (2)
Levantado do Chão
Memorial do Convento

ESLOVÉNIA (1)
Memorial do Convento

SERVIA (1)
Memorial do Convento

ESPAÑA (16)
CADERNOS DE LANZAROTE
História do Cerco de Lisboa
A Jangada de Pedra
Levantado do Chão
Manual de Pintura e Caligrafia
Memorial do Convento
O Ano da Morte de Ricardo Reis
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
Viagem a Portugal
Ensaio sobre a Cegueira
O Ano de 1993
Deste Mundo e do Outro
A Bagagem do Viajante
A Noite
In Nomine Dei
Objecto Quase

BRASIL (10)
A Jangada de Pedra
História do Cerco de Lisboa
In Nomine Dei
Levantado do Chão
Manual de Pintura e Caligrafia
Memorial do Convento
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
O Ano da Morte de Ricardo Reis
Viagem a Portugal
Ensaio sobre a Cegueira

FRANÇA (8)
A Jangada de Pedra
História do Cerco de Lisboa
Memorial do Convento
O Ano da Morte de Ricardo Reis
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
Objecto Quase
Levantado do Chão
Ensaio sobre a Cegueira

SUIÇA (2)
Levantado do Chão
Memorial do Convento

ESLOVÉNIA (1)
Memorial do Convento

SERVIA (1)
Memorial do Convento

ESPAÑA (16)
CADERNOS DE LANZAROTE
História do Cerco de Lisboa
A Jangada de Pedra
Levantado do Chão
Manual de Pintura e Caligrafia
Memorial do Convento
O Ano da Morte de Ricardo Reis
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
Viagem a Portugal
Ensaio sobre a Cegueira
O Ano de 1993
Deste Mundo e do Outro
A Bagagem do Viajante
A Noite
In Nomine Dei
Objecto Quase

BRASIL (10)
A Jangada de Pedra
História do Cerco de Lisboa
In Nomine Dei
Levantado do Chão
Manual de Pintura e Caligrafia
Memorial do Convento
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
O Ano da Morte de Ricardo Reis
Viagem a Portugal
Ensaio sobre a Cegueira

HOLANDA (5)
Ensaio sobre a Cegueira
Memorial do Convento
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
História do Cerco de Lisboa
Levantado do Chão

FRANÇA (8)
A Jangada de Pedra
História do Cerco de Lisboa
Memorial do Convento
O Ano da Morte de Ricardo Reis
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
Objecto Quase
Levantado do Chão
Ensaio sobre a Cegueira

SUIÇA (2)
Levantado do Chão
Memorial do Convento

ESLOVÉNIA (1)
Memorial do Convento

SERVIA (1)
Memorial do Convento

ESPAÑA (16)
CADERNOS DE LANZAROTE
História do Cerco de Lisboa
A Jangada de Pedra
Levantado do Chão
Manual de Pintura e Caligrafia
Memorial do Convento
O Ano da Morte de Ricardo Reis
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
Viagem a Portugal
Ensaio sobre a Cegueira
O Ano de 1993
Deste Mundo e do Outro
A Bagagem do Viajante
A Noite
In Nomine Dei
Objecto Quase

BRASIL (10)
A Jangada de Pedra
História do Cerco de Lisboa
In Nomine Dei
Levantado do Chão
Manual de Pintura e Caligrafia
Memorial do Convento
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
O Ano da Morte de Ricardo Reis
Viagem a Portugal
Ensaio sobre a Cegueira

ALEMANHA (9)
A Jangada de Pedra
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
Levantado do Chão
Manual de Pintura e Caligrafia
Memorial do Convento
O Ano da Morte de Ricardo Reis
Objecto Quase
História do Cerco de Lisboa
Ensaio sobre a Cegueira

ESTÓNIA (1)
Ensaio sobre a Cegueira

TURQUIA (2)
Levantado do Chão
Memorial do Convento

GRÉCIA (5)
História do Cerco de Lisboa
Memorial do Convento
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
Levantado do Chão
O Ano da Morte de Ricardo Reis

ITÁLIA (17)
A Jangada de Pedra
A Segunda Vida de Francisco de Assis
Ensaio sobre a Cegueira
História do Cerco de Lisboa
A Bagagem do Viajante
O Ano de 1993
Manual de Pintura e Caligrafia
Memorial do Convento
O Ano da Morte de Ricardo Reis
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
Objecto Quase
Uma Terra Chamada Alentejo
Viagem a Portugal
Levantado do Chão
In Nomine Dei
A Noite
Que Farei com este Livro

DINAMARCA (6)
História do Cerco de Lisboa
Memorial do Convento
O Ano da Morte de Ricardo Reis
Levantado do Chão
A Jangada de Pedra
O Evangelho Segundo Jesus Cristo

ALEMANHA (9)
A Jangada de Pedra
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
Levantado do Chão
Manual de Pintura e Caligrafia
Memorial do Convento
O Ano da Morte de Ricardo Reis
Objecto Quase
História do Cerco de Lisboa
Ensaio sobre a Cegueira

ESTÓNIA (1)
Ensaio sobre a Cegueira

TURQUIA (2)
Levantado do Chão
Memorial do Convento

GRÉCIA (5)
História do Cerco de Lisboa
Memorial do Convento
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
Levantado do Chão
O Ano da Morte de Ricardo Reis

ITÁLIA (17)
A Jangada de Pedra
A Segunda Vida de Francisco de Assis
Ensaio sobre a Cegueira
História do Cerco de Lisboa
A Bagagem do Viajante
O Ano de 1993
Manual de Pintura e Caligrafia
Memorial do Convento
O Ano da Morte de Ricardo Reis
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
Objecto Quase
Uma Terra Chamada Alentejo
Viagem a Portugal
Levantado do Chão
In Nomine Dei
A Noite
Que Farei com este Livro

rido no Brasil. A imagem é a de alguém simpático. Tem um comportamento «muito precioso», diz Ruth: «Ouve toda a gente, respeita os jornalistas e os leitores, não faz de estrela. O público vê isso e responde: luta os teatros.» *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* foi o seu livro mais vendido no Brasil, com 85 mil exemplares. E a colaboração com Sebastião Salgado no livro *Terra* acrescentou-lhe a notoriedade. Há um ano a editora fez-lhe uma homenagem, pondo artistas conhecidos a ler os seus tex-

SUÉCIA (5)
Ensaio sobre a Cegueira
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
História do Cerco de Lisboa
Memorial do Convento
Levantado do Chão

NORUEGA (6)
Memorial do Convento
O Ano da Morte de Ricardo Reis
Levantado do Chão
A Jangada de Pedra
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
Ensaio sobre a Cegueira

FINLÂNDIA (4)
Memorial do Convento
Levantado do Chão
A Jangada de Pedra
Ensaio sobre a Cegueira

RÚSSIA (2)
Levantado do Chão
Memorial do Convento

POLÓNIA (3)
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
Levantado do Chão
Memorial do Convento

CHECOSLOVÁQUIA (2)
Levantado do Chão
Memorial do Convento

ROMÉNIA (4)
A Jangada de Pedra
História do Cerco de Lisboa
Memorial do Convento
Levantado do Chão

CHINA (1)
Memorial do Convento

JAPÃO (2)
Levantado do Chão
Memorial do Convento

BULGÁRIA (3)
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
Levantado do Chão
Memorial do Convento

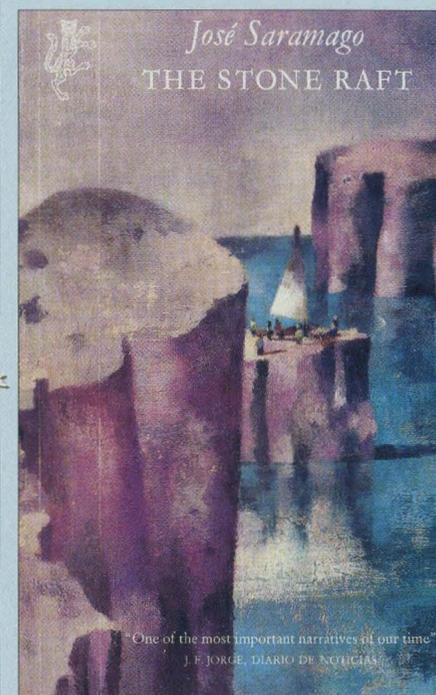
ISRAEL (5)
A Jangada de Pedra
Memorial do Convento
Levantado do Chão
O Ano da Morte de Ricardo Reis
O Evangelho Segundo Jesus Cristo

HUNGRIA (5)
Ensaio sobre a Cegueira
Memorial do Convento
Levantado do Chão
O Ano da Morte de Ricardo Reis
A Jangada de Pedra

tos. Agora já está a pensar na próxima...

Em Espanha, a Alfaguara, responsável pela edição do agora Prémio Nobel, entrou em festa quando do outro lado do telefone uma voz disse «Saramago!». E Ramón Bonaventura faz questão de frisar que a alegria não foi por motivos económicos – o carinho é genuíno. A prová-lo, descuidou-se com um «Pepe Saramago», que corrigiu rapidamente para «José Saramago». Mas não foi acaso, e a identificação dos espanhóis com o Saramago não se fica pela editora.

Bonaventura explica que «muitos espanhóis pensam mesmo que ele é espanhol. É um escritor «completamente assimilado na vida literária espanhola». E recorda que as



filas nas livrarias espanholas quando há acções de promoção dos livros de Saramago já o levaram mesmo a desabafar: «Sinto-me como em casa!» O editor da Alfaguara corrobora a colega brasileira ao dizer que o Nobel «é um prémio há muito merecido, à literatura portuguesa, que considero uma das mais interessantes da Europa, se não a mais interessante. E será sem dúvida uma ajuda na divulgação de outros escritores portugueses. Toda a literatura portuguesa beneficiará muito com este 'impulso saramaguense'».

M.H.E. e P.D.A.

«Ele é um dos raros romancistas contemporâneos a pensar o seu texto como uma verdadeira máquina romanesca: a arquitectura cuidadosamente estudada, e assaz complexa, dos seus livros dá-lhes uma energia muito próxima da dos melhores romances de enigmas, onde a construção, como é sabido, é absolutamente decisiva.»

Libération

«Nesta Europa, tão rica em meios, tão pobre em ideias, o caso de um escritor como José Saramago é quase milagroso.(...) Saramago ultrapassa a retórica oca dos ideólogos da pós-modernidade e continua a apostar numa literatura que ajude a mudar o mundo. (...) Desde os tempos do grande Eça de Queiroz, e com a notável excepção de Fernando Pessoa, nunca um escritor português encontrou um público tão fiel em Espanha. Não é coisa pouca, quando os dois países, Espanha e Portugal, continuam a ser tão estranhos um ao outro.»

El Mundo (Javier Alfaya)

«Convém fazer desde logo alguns esclarecimentos importantes. Primeiro: José Saramago é o melhor escritor vivo da língua portuguesa. Segundo: desde Guimarães Rosa, não há nada de mais original, belo e consistente, na ficção em língua portuguesa, do que o conjunto de romances que vêm sendo criados por esse português do Ribatejo. Terceiro ponto: este *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* é um livro deslumbrante.»

Veja (Roberto Pomeu de Toledo)

«Com uma paciente e irónica inteligência comparável à de Musil, José Saramago constrói uma assombrosa Lisboa no seu *O Ano da Morte de Ricardo Reis*.»

Times Literary Supplement (George Steiner)

«Saramago (...) é comunista, mas um comunista anarquizante e um pouco místico, como são muitas vezes os Ibéricos (...)»

Le Monde Diplomatique (Ramon Chao)

«A *História do Cerco de Lisboa* é uma delícia para os leitores de Gabriel García Márquez, Jorge Luís Borges e Salman Rushdie.»

The Publisher

«Nenhum candidato ao Prémio Nobel merece mais um reconhecimento duradouro do que este romancista.»

The New York Times

A ILHA DE SARAMAGO

Ele vive em Lanzarote (Canárias) desde Fevereiro, numa casa «toda paga com livros». Fica diante do mar e armazena por trás 300 vulcões adormecidos

Texto publicado na primeira edição da VISÃO, a 25 de Março de 1993



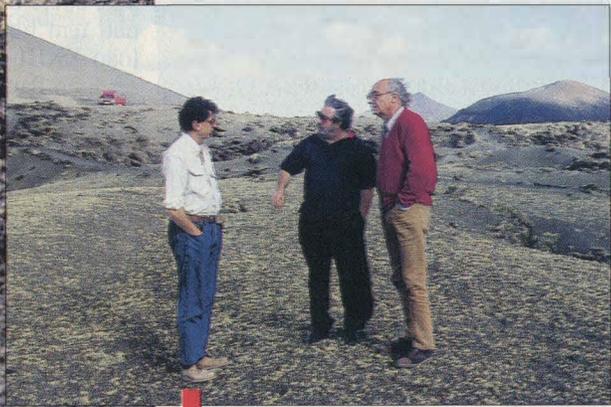
FERNANDO ASSIS PACHECO

A quarta ilha em extensão do arquipélago das Canárias tem 779 km² de superfície e 70 mil residente. No ano passado recebeu mais de um milhão de turistas. Há lava que chegue para todos, sob a forma de cinza e escórias: chama-se malpais. No futuro jardim da casa de José Saramago é granulada e, conforme as cores, dá pelos nomes de rofe negro e rofe rojo.

«Já viu? São 180 graus de mar e 180 graus de montanha», diz o escritor numa curva da estrada do aeroporto, onde nos foi buscar com o táxi (não tirou a carta, não guia, e a mulher também não) à chegada do Avião de Madrid. Mais tarde daremos uma longa volta à costa ocidental na carrinha do cunhado arquitecto, para espreitar os 25% de Lanzarote que a erupção de 1824 acrescentou ao mapa. Então, cuspiram fogo três vulcões, mas em 1730-36, durante seis anos apocalípticos, foram 30 a manifestar-se. Ao todo há 300, convenientemente apagados. «Estão por aí», explicam os residentes apontando o dorso dos montes, denteado como bossas de camelos. Aliás, também há camelos, que se deixam montar pelos turistas vindos ao apelo da Primavera perpétua – fora algum vento aliseo e algum chuveiro sem grande convicção.

A CASA

Os repórteres da VISÃO foram os primeiros a entrar na casa de José Saramago e Pilar del Río que fica em Tías, um município a meia encosta dominando Puerto del Carmen, ou La Tiñosa, como era conhecido antes de os gringos lá aparecerem a perguntar se o pequeno porto pesqueiro tinha mesmo de carregar com esse topónimo de mau agouro.



O ESCRITOR COM FERNANDO ASSIS PACHECO «Já viu? São 180 graus de montanha»

A casa foi discretamente baptizada como A CASA, em letras de azulejo. Aliás não é uma casa, mas duas, encostadas flanco a flanco, embora de traça diferente, saídas ambas do risco do arquitecto Javier Pérez Figares, casado com María, irmã de Pilar. Os cunhados, que vivem ao lado, estenderam-se por dois pisos. José e Pilar preferiram um piso apenas, com cave e açoteia. O jardim, quando existir, será comum. Já lá está a varanda bem aberta para a luz cegante que vem do lado do mar.

«Os meus cunhados vivem na ilha há anos, e em 1991, aproveitando uma passagem por Las Palmas e Tenerife, viemos vê-los. Gostámos logo muito. Depois passámos cá um fim de ano e, ao voltarmos a Lisboa, diz-me a Pilar: se fizéssemos uma casa em Lanzarote? Respondi: estás doida! Mas perco sempre. Jam assim as coisas quando aconteceu o Lara.»

Lara, o cruzado, não é o culpado de o escritor ter a segunda residência nas Canárias, «mas acelerou» a mudança, diz Saramago, para emendar logo de seguida «o Lara e o seu governo» e acrescentar que «ainda é cedo para decidir quanto tempo vou passar aqui, mas talvez mais tempo do que em Lisboa», onde mantém a casa da Rua dos Ferreiros à Estrela.

«Aquilo que me deu para respirar foi o Memorial, recebido de braços abertos, e mais tarde a repercussão internacional, as traduções. Mas não ganhei até hoje, nem ganharei, o que ganha um futebolista bem pago. Se estou rico, apetece-me dizer que sou o mais pobre dos ricos!»

FEITA COM LIVROS

Vive do que escreve, com a ressalva de sentir-se irritado «com certas entrevistas que minimizam a profissionalização do escritor, ainda por cima insinuando que se chega lá com perda da qualidade». Pois, e há a inveja. «A sensação de ser invejado é a pior das sensações. Se a inveja fosse inerte. Mas não é: ela intriga, ela conspira.»

Leva-nos à açoteia, que tem uma vista surpreendente, à cave, ainda em toscó, onde fará o apartamento destinado a Juanjo, filho de Pilar, e a Luís, um dos 13 cunhados que herdou ao casar com a jornalista andaluza e que vive com eles em Tías, e percebe-se-lhe uma ponta de emoção, tão calmo sempre que é mas percebe-se, quando resume para os recém-chegados de Lisboa:

«Esta casa foi feita com livros. Não há aqui um tijolo nem um ladrilho que ▶

► A ILHA DE SARAMAGO

não fossem pagos com os livros.»

É feliz? «Tenho 70 anos, conheci a Pilar numa idade em que já não era legítimo esperar nada assim da vida. Tenho um sentimento quase fatalista de que cada dia é um dia só, e é preciso vivê-lo. Nunca desejei nada, não aponte a nenhuma carreira, a nenhum triunfo possível. Talvez por isso é que posso dizer que tenho tudo.»

A mulher, 43 anos feitos há dias, deus-lhe a conhecer pelo telefone: «Sou sua leitora, estou encantada com *O Ano da morte de Ricardo Reis...*» Foi um ano de júbilo, quando mal se precataram não podiam viver longe um do outro. «Pois é. E com esta vinda para as Canárias de certo modo equilibra-se o gesto da Pilar ao abandonar o mundo de Sevilha.» Ele sabe mais do que sorrir, prende-a nos braços, beija-a ternamente numa orelha. Vemos e não vemos. Xavier poisa a máquina fotográfica.

TEMAS RELIGIOSOS

Pilar foi freira teresiana durante oito anos, não por beatice, sim por um impulso adolescente, «e digo eu», diz José Saramago, «porque sempre quis servir os outros». Ele, na teia de acasos que é a vida de um escritor, vai já no terceiro título de tema religioso. Agora mesmo lança *In nomine Dei*, uma peça de teatro encomendada pelo Teatro de Münster (Alemanha) para dela se extrair o libreto de uma ópera com estreia já marcada para o Outono deste ano.

É a quarta obra dramática do escritor que em menino, beneficiando das horas de serviço às casas de espectáculo do pai polícia, ia com ele (às vezes ia também a mãe, e às vezes uma vizinha, arranjavam-se lugares) ao Parque Mayer, ao Nacional ou a São Carlos. «A minha primeira memória forte de teatro é a Irene Isidro, por volta de 1932 ou 1933, toda vestida de branco, de calças, cantando Marlene numa revista, o mesmo número que depois repetiu de maneira tristíssima no *Passa por mim no Rossio*. E a ópera é um género que me está muito próximo: houve temporadas e temporadas que eu vi inteiras do galinheiro do São Carlos.» Só não fez teatro. «Nunca. No palco já apareci algumas vezes, mas para agradecer aplausos.»

A peça que hoje mesmo é distribuída às livrarias, e que ele designa como uma espécie de encomenda social, tem por



COM PILAR, NA CASA DE LANZAROTE

«Esta casa foi feita com livros. Não há aqui nem um tijolo nem um ladrilho que não fossem pagos com os livros»

pano de fundo a Münster do século XVI quando do levantamento anabaptista contra os católicos, que terminou com a aniquilação dos primeiros. O ónus da intolerância pode assacar-se a qualquer das duas comunidades, enquanto uma terceira, a luterana, tira a tempo as mãos do fogo.

«Eu não pensava nada», garante Saramago, «escrever outro livro sobre um tema religioso, as circunstâncias é que me levaram a isso. Convidaram-me, e eu perguntei: porquê eu, porquê um português? Na Europa, disseram-me, não há (muitos) escritores a quem este tema interesse.»

A IGREJA

Tomem-no como quiserem, agnóstico, ateu, sempre existiu nele, e cita por extenso, «a preocupação com a religião como instituição, como poder organizado». Declara também: «Mesmo estando como estou fora da Igreja, não estou fora da cultura que se desenvolveu à volta desta Igreja.» Que é a Católica, no caso vertente português. «E quando certos energúmenos me dizem que eu não tenho o di-

reito de escrever sobre o catolicismo, eu respondo que tenho porque nasci e me criei nesse meio.» Escreveu *In nomine Dei* em quatro ou cinco meses, «com muitas interrupções».

«A Igreja», diz ainda, e daí a pouco vamos despedir-nos d'A CASA, do obsessivo branco da cal de Tias, da ilha das 300 bocas de fogo, «já perdeu a esperança de salvar as almas – se é que há alma –, e agora dedica-se à administração dos corpos, que é o que faz o papa Wojtyla. Ela não tem hoje o espírito de abertura de João XXIII e do que parecia que viria a ser João Paulo I.»

O mundo tão-pouco vai melhorar. «Estamos a voltar a uma época de intolerância que já não é só política ou social, é religiosa. A pior de todas.»

Há poucas semanas voava José Saramago sobre a Itália, quase a descer em Fiumicino, e viu do avião o fumo das chaminés, os campos de cultivo, os automóveis nas auto-estradas. «A Terra parecia tão pacífica. Como não há-de parecer a Deus, que está lá por cima, muito acima dos aviões? Percebe-se por que Ele não intervém.» ■

PRÉ-PUBLICAÇÃO

Diário de um escritor

Vai chegar às livrarias mais um volume dos *Cadernos de Lanzarote*

O quinto volume de *Cadernos de Lanzarote*, o diário de José Saramago, vai começar a ser distribuído em meados da próxima semana, com a habitual chance-la da Editorial Caminho. Cada um dos «cadernos» refere-se a um ano – neste caso o de 1997 –, e neste próximo volume, o escritor, além de dar conta do seu dia-a-dia, dos comentários e das reflexões que lhe suscitam, colige também os seu ensaios da VISÃO. É destes novos *Cadernos de Lanzarote* que antecipamos algumas páginas, fundamentalmente aquelas em que regista o seu encontro com Dario Fo quando este, há um ano, ganhou o Prémio Nobel – ou, nas suas palavras, o «roubou» a José Saramago.

14 de Outubro

Frankfurt. Pilar telefonou hoje para casa, a saber se havia alguma novidade, e realmente, sim, havia novidade, a mais inesperada de todas as possíveis, aquela que nunca seríamos capazes de imaginar: nada mais nada menos que uma chamada telefónica de Dario Fo a dizer: «Sou um ladrão, roubei-te o prémio. Um dia scrá a tua vez. Abraço-te.» Mal saído do assombro em que a notícia me tinha deixado, disse a Pilar: «Suponho que uma coisa assim nunca terá acontecido na história deste prémio...», e Pilar, sábia, respondeu-me: «Não há que perder a confiança na generosidade humana...»

15 de Outubro

Há dois dias que não faço outra coisa que dar entrevistas. Ajuda-me no transe agónico uma simpática e competente intérprete alemã, Kirstin Henzen, que, além de ser quem me leva a todo o lado onde me dizem que sou preciso, acabou em pouco tempo por saber de cor e salteado as respostas que costumo dar às questões quase sempre repetidas dos jornalistas. A tal ponto que algumas vezes lhe tenho dito, após haver deixado em meio, por tédio, por

aborrecimento, por cansaço, uma dessas respostas: «Desenvolve...» E ela, imperturbável, como um compositor que terminasse a obra que outro deixara inacabada, põe em funcionamento a sua magnífica memória e recita ao jornalista o que eu, provavelmente, já não conseguiria explicar com a mesma propriedade e a mesma exactidão.

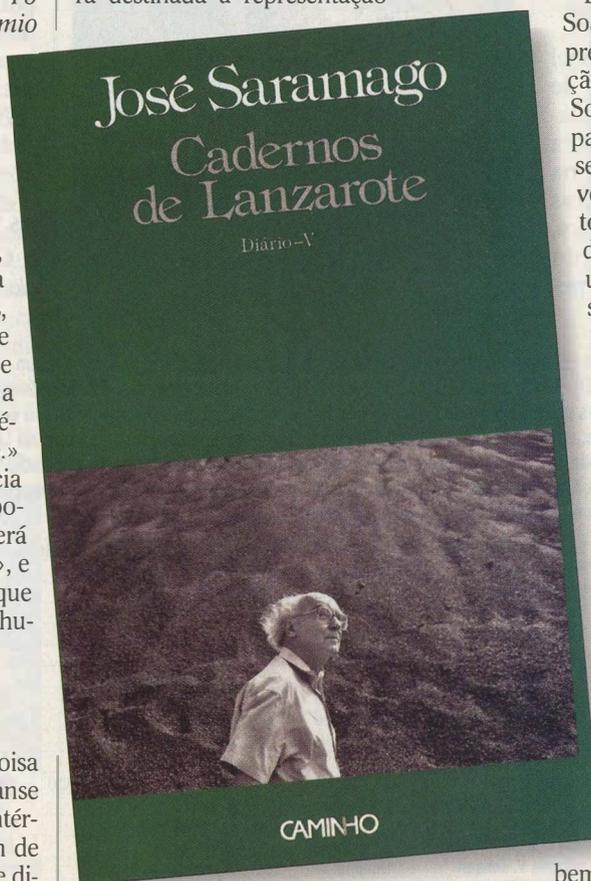
16 de Outubro

Encontrava-me eu a cumprir tranquilamente as minhas obrigações na área da Feira destinada à representação

19 de Outubro

Descíamos uma escada rolante, Mário Soares e eu, conversando, trocando impressões sobre os méritos da representação portuguesa na Feira, e de repente Soares pergunta-me num tom que me pareceu de autêntica preocupação: «Disseram-me que você estava místico. É verdade?» Na vida comum, na vida de todos os dias, o interpelado teria estacado de chofre e exclamaria, já atrasado um passo: «O quê?» Mas ali não podia ser, a escada descia, descia sempre, e, não podendo eu transferir-me para o degrau de cima, de onde manifestaria de maneira adequada a minha surpresa, tive de contentar-me com a exclamação: «O quê?» E Soares: «Que você está místico, disseram-me.» «Quem foi que lhe contou semelhante história?», perguntei. E Soares, que não queria comprometer o seu informador: «Disseram-me, disseram-me...» A escada já nos tinha depositado em terra firme, de modo que respondi com firmeza: «Não senhor, não estou místico, Deus me livre de um tal acidente...» Mário Soares olhou-me com uma expressão de alívio no olhar e no gesto, como se eu lhe tivesse tirado um peso de cima, e murmurou: «Ah, bem...» Não voltámos a falar do assunto,

mas eu tenho a impressão de que as palavras dele, lá no seu íntimo, tinham uma formulação diferente. Ou eu estou muito enganado, ou o que Mário Soares de facto me perguntava era: «Você também está místico?...»



dos editores portugueses, quando me vieram dizer que Dario Fo estava a dar uma conferência de imprensa e que, depois de terminada, me viria cumprimentar. Quem o disse mal parecia acreditar na informa-

PORTUGUESES

A difícil caminhada

Um «combate» com mais de 40 anos termina agora com o reconhecimento da língua de Camões pela Academia Sueca



AQUILINO RIBEIRO
O autor de *Quando os Lobos Uivam* foi um dos primeiros portugueses propostos para o Nobel

Em 97 anos de vida do Prémio Nobel da Literatura, nunca um escritor de língua portuguesa havia sido contemplado com o cobiçado galardão. Se, para uns, a explicação desse facto residia na relativa falta de qualidade das literaturas que se exprimem no idioma de Camões, para outros o não reconhecimento do eventual valor das letras portuguesas pe-

la Academia Sueca da Língua era fruto de uma brumosa e gélida conspiração nórdica. Não deixa de ser verdade que, muitas vezes, o Nobel teve ressonâncias políticas, e outras (sobretudo nos primeiros tempos) pecou por excessivo «caseirismo» (*ver quadro*). Especialmente per-



ANTÓNIO LOBO ANTUNES
O seu nome foi muito falado nos últimos anos como favorito à atribuição do prémio



JOSÉ SARAGAMO, JOSÉ CARDOSO PIRES E JORGE AMADO
Três dos maiores nomes das letras contemporâneas de língua portuguesa

turbante era o cotejo com o *score* dos nossos amigos e vizinhos espanhóis, com cinco triunfos à sua conta mais outros tantos das literaturas latino-americanas de expressão castelhana... Os próprios países com os quais Portugal normalmente se compraz em comparar-se – Irlanda e Grécia – contavam, respectivamente, com quatro e dois prémios.

Não se pode dizer que portugueses e brasileiros não se tenham esforçado por conseguir um Nobel da Literatura.

OS 'PIONEIROS'

O beirão Ferreira de Castro e o bahiano Jorge Amado foram os primeiros es-

critores de língua portuguesa propostos para o galardão. Corria a década de 50, e ambos foram objecto de uma candidatura conjunta. Ferreira de Castro era então o escritor luso mais traduzido, autor de grandes êxitos como *A Selva*, *Emigrantes* ou *A Lã e a Neve*; Jorge Amado, encerrada a fase de realismo social de *Cacau*, *Suor* ou *Capitães da Areia*, enveredava pela via mais populista de *Gabriela*, *Cravo e Canela* ou *Dona Flor e os Seus Dois Maridos*.

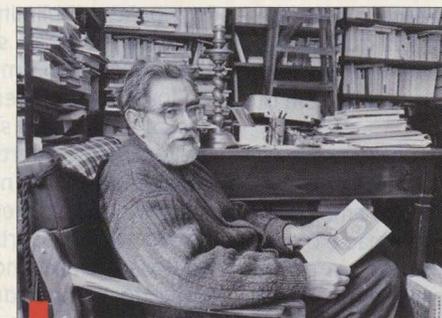
No início dos anos 60, Aquilino Ribeiro (outro beirão universal) e o transmontano Miguel Torga foram por sua vez, propostos para o importante e cobiçado galardão instituído pela Academia Sueca da Língua. Neste caso, porém, as candidaturas correram em separado, tendo a do autor de *Quando os Lobos Uivam* – romance então publicado e logo apreendido pelo regime salazarista – sido apre-

nos» propostos. Juntar-se-lhe-ia a certa altura o do seu compatriota Carlos Drummond de Andrade. Miguel Torga também jamais deixou de ser referido como possível vencedor do Nobel.

O poeta português, de origem algarvia, António Ramos Rosa veria igualmente a sua vez de ser proposto para o prémio, concretamente pela instituição francesa Actes du Sud. Vergílio Ferreira também não foi esquecido, o mesmo se passando com Fernando Namora – que, antes do *boom* de Saramago, era o escritor português com maior número de edições no estrangeiro.

VELHO SONHO

António Lobo Antunes, muito traduzido na Suécia, passou, nos anos mais recentes, a ser apontado como integrando



ANTÓNIO RAMOS ROSA
O poeta de *Volante Verde* esteve também no caminho do Nobel

a lista dos favoritos. A par de José Saramago – que, agora, conseguiu concretizar um velho sonho das letras portuguesas e de expressão portuguesa.

O autor de *Memorial do Convento* faliu o Nobel do ano passado por uma unha negra, e o vencedor, o seu amigo Dario Fo, com quem se encontrou na Feira de Frankfurt, declarou publicamente ser seu admirador e não se admirar nada se o prémio tivesse sido para ele.

Terá o comentário de Fo exercido algum peso na decisão dos jurados deste ano?

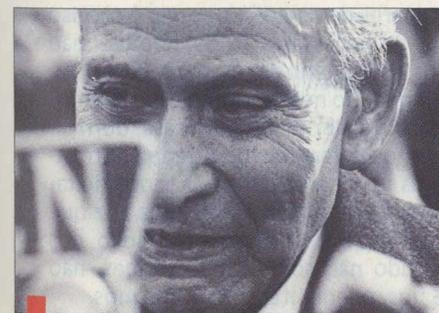
Para glória dos laureados, recorde-se que escritores universalmente reconhecidos como James Joyce, Marcel Proust, Franz Kafka ou Jorge Luis Borges nunca receberam o Nobel. Já sem falar de... Fernando Pessoa, que em vida foi um «ilustre desconhecido». ■

L.A.M.

França ainda à frente

Dos 95 Prémios Nobel da Literatura atribuídos – oito dos quais em ex-aequo – desde a instituição do galardão, em 1901 (e atendendo a que não houve atribuição em 1914, 1935, 1940, 1941, 1942 e 1943), 12 contemplaram escritores franceses e 11 foram para autores norte-americanos. Em 3º lugar vem a Suécia, com seis prémios, mas a predilecção da Academia de Estocolmo pelas literaturas nórdicas (ou será caseirismo?) reflecte-se na atribuição de três distinções à Noruega, outras tantas à Dinamarca, uma à Islândia e outra à Finlândia. Os alemães obtiveram seis Nobel da Literatura (a maior parte antes da guerra de 1914-18) e a Grã-Bretanha, a Itália e a Espanha cinco cada (outros tantos para autores latino-americanos de expressão espanhola). À URSS couberam quatro. Assinalam-se ainda quatro prémios para as letras irlandesas, três para polacas e dois para as gregas. Com a entrada de Portugal para a lista, as faltas mais flagrantes são as das letras chinesas, holandesas, romenas e húngaras – sem esquecer o Brasil

1901 Sully Prudhomme	França	1924 Wladyslaw Reymont	Polónia	1953 Winston Churchill	Grã-Bretanha	1975 Eugenio Montale	Itália
1902 Theodor Mommsen	Alemanha	1925 Bernard Shaw	Irlanda	1954 Ernest Hemingway	EUA	1976 Saul Bellow	EUA
1903 Bjørnstjerne Bjørnson	Noruega	1926 Grazia Deledda	Itália	1955 Halldór Laxness	Islândia	1977 Vicente Aleixandre	Espanha
1904 Frédéric Mistral	França	1927 Henri Bergson	França	1956 Juan Ramón Jiménez	Espanha	1978 Isaac Bashevis Singer	EUA
José Echegaray	Espanha	1928 Sigrid Undset	Noruega	1957 Albert Camus	França	1979 Odysseus Elytis	Grécia
1905 Henryk Sienkiewicz	Polónia	1929 Thomas Mann	Alemanha	1958 Boris Pasternak	URSS	1980 Czesław Miłosz	EUA
1906 Giosuè Carducci	Itália	1930 Sinclair Lewis	EUA	1959 Salvatore Quasimodo	Itália	1981 Elias Canetti	Bulgária
1907 Rudyard Kipling	Grã-Bretanha	1931 Erik Axel Karlfeldt	Suécia	1960 Saint-John Perse	França	1982 Gabriel García Márquez	Colômbia
1908 Rudolf Eucken	Alemanha	1932 John Galsworthy	Grã-Bretanha	1961 Ivo Andrić	Jugoslávia	1983 William Golding	Grã-Bretanha
1909 Selma Lagerlöf	Suécia	1933 Ivan Bunin	URSS	1962 John Steinbeck	EUA	1984 Jaroslav Seifert	República Checa
1910 Paul von Heyse	Alemanha	1934 Luigi Pirandello	Itália	1963 George Seferis	Grécia	1985 Claude Simon	França
1911 Maurice Maeterlinck	Bélgica	1936 Eugene O'Neill	EUA	1964 Jean-Paul Sartre	FRANCIA	1986 Wole Soyinka	Nigéria
1912 Gerhart Hauptmann	Alemanha	1937 Roger Martin-du Gard	França	1965 Mikhaïl Sholokhov	URSS	1987 Joseph Brodsky	EUA
1913 Rabindranath Tagore	Índia	1938 Pearl Buck	EUA	1966 Shmuel Yosef Agnon	Israel	1988 Naguib Mahfouz	Egipto
1915 Romain Rolland	França	1939 Franz Eemil Sillanpää	Finlândia	Nelly Sachs	Suécia	1989 Camilo José Cela	Espanha
1916 Verner von Heidenstam	Suécia	1944 Johannes V. Jensen	Dinamarca	Miguel Ángel Asturias	Guatemala	1990 Octavio Paz	México
1917 Karl Gjellerup	Dinamarca	1945 Gabriela Mistral	Chile	Yasunari Kawabata	Japão	1991 Nadine Gordimer	África do Sul
Henrik Pontoppidan	Dinamarca	1946 Hermann Hesse	Suíça	Samuel Beckett	Irlanda	1992 Derek Walcott	Santa Lúcia
1918 Erik Axel Karlfeldt	Suécia	1947 André Gide	França	Alexander Soljenitsyn	URSS	1993 Toni Morrison	EUA
1919 Carl Spitteler	Suíça	1948 T.S. Eliot	Grã-Bretanha	1971 Pablo Neruda	Chile	1994 Oe Kenzaburo	Japão
1920 Knut Hamsun	Noruega	1949 William Faulkner	EUA	1972 Heinrich Böll	Alemanha	1995 Seamus Heaney	Irlanda
1921 Anatole France	França	1950 Bertrand Russell	Grã-Bretanha	1973 Patrick White	Austrália	1996 Wislawa Szymborska	Polónia
1922 Jacinto Benavente	Espanha	1951 Par Lagerkvist	Suécia	1974 Eyvind Johnson	Suécia	1997 Dario Fo	Itália
1923 William B. Yeats	Irlanda	1952 François Mauriac	França	Harry Martinson	Suécia	1998 José Saramago	Portugal



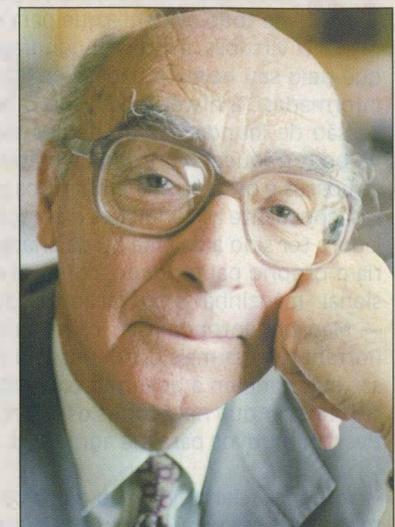
FERREIRA DE CASTRO
O escritor português mais traduzido dos anos 50 foi objecto de uma candidatura conjunta com Jorge Amado

sentada pela Sociedade Portuguesa de Escritores, e a do poeta radicado em Coimbra por professores e instituições universitárias (inclusive de Itália).

O nome de Jorge Amado nunca deixaria, contudo, de figurar entre os «eter-



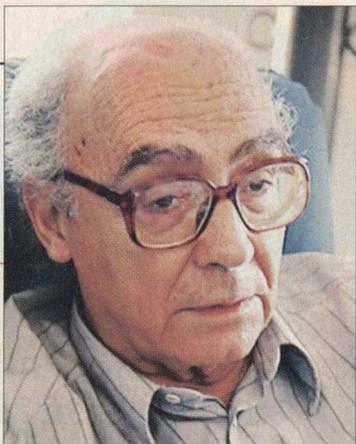
JOSÉ SARAGAMO



Quarta-Feira dia 13

Nenhum jornal publicou tantas matérias importantes sobre José Saramago como o JL, ao longo dos seus 18 anos. Uma edição especial assinalará agora o Prémio Nobel da Literatura atribuído ao escritor português

NÃO PERCA



A mão que embala o berço...

O grande subministrador de educação do nosso tempo é o hipermercado

A mão que embala o berço governa o mundo.» Parece de todo evidente que para o ignorado criador desta virtuosa sentença (ignorado de mim, entenda-se, que pelo seu nome o hão-de conhecer outras pessoas mais informadas), a história do género humano é como uma sucessão de inundações de berços espalhando-se por todo o globo terráqueo, fabricado de materiais distintos, consoante as posses e os gostos, e embalados por mãos de distintas cores, consoante as condições e as raças... Poderia a mão embaladora ter sido a da ama ou da criada, da tia ou da avó, poderia o próprio pai ter dado, como se costuma dizer, uma ocasional «mãozinha» à operação de adormecimento do infante — Mão, por antonomásia, foi, neste caso, e sempre, a da mãe. Portanto, nada mais claro: desde a primeira Eva que as nossas mães andam a governar o mundo, embora tenhamos de reconhecer que nem todos os filhos, deixados por aí, têm ou tiveram motivos para lhe agradecer...

A sentença, claro está, não passa de um abuso do sentimento, de uma ratoeira da lágrima, é, ela própria, um embalado soporífero. Mas isso não quer dizer que o berço, a mão e o sono não sejam reais. Em todas as épocas (deixemos em paz as mães, pobres delas) sempre houve algo ou alguém para nos embalar e governar: com as suas promessas de eternidade nos embalou a religião, com duvidosas gerências do presente e algumas ideias imprecisas sobre o futuro embalaram e acreditaram governar as ideias políticas, mas, uma e outras, ao menos, procediam como se cressem, não apenas numa íntima e predestinada necessidade dos objectivos que se propunham, mas também numa intrínseca e peculiar adequação dos meios usados à realidade, mesmo quando esses meios significaram sacrifício, violência e opressão. As grandes mentiras são as primeiras a acreditar profundamente nos enganamentos que proclamam como verdades.

É outra mão que nos embala e adormece agora. Nas suas mais baixas manifestações, o denominado comportamento hedonista (com perdão de Epicuro), que antes, na vida corrente, havia sido excepção, tornou-se regra universal ou a caminho de o ser. As necessidades supérfluas encontram hoje mais fácil e mais rápida satisfação do que certas necessidades fundamentais básicas. Aparentemente convertidos em se-

nhores do espaço e do tempo pela capacidade de manejar um teclado de computador, circulamos pelas auto-estradas da informação e da comunicação, poderemos, sem sairmos de casa, embasbacar nos grandes museus, assistir a grandes espectáculos sem precisar de aplaudir, aceder às grandes bibliotecas para ler o que porventura já tínhamos nas nossas prateleiras — mas o ensino, por exemplo, prioritária necessidade, não ensina. Porque não quer, ou porque não sabe, ou porque não o deixam. Ou porque talvez, simplesmente, tenha deixado de ser possível (se algum dia o foi) ensinar toda a gente... Dizem-nos que a formação contínua estará lá depois para curar os males e preencher as carências, assim se insinuando, subliminarmente, que os programas e os professores da formação, só pelo facto de o serem, farão o milagre educativo que o simples trabalho escolar quotidiano não havia logrado. Os hipermercados não tomaram apenas o lugar das catedrais, eles são também as novas escolas e as novas universidades, abertas a maiores e a menores sem distinção, com vantagem de não exigirem exames à entrada ou notas máximas, salvo aquelas que na carteira se contiverem e o cartão de crédito cobrir. O grande subministrador de educação do nosso tempo, incluindo a «cívica» e a «moral», é o hipermercado. Somos educados para clientes. E é essa educação básica que estamos a transmitir aos nossos filhos.

Não nos iludamos, porém, não atiremos pedras a alvos só porque estão perto. O hipermercado, a simples loja de secos e molhados são apenas lugares de comércio, aonde é preciso ir para nos abastecermos do necessário à vida. Não é a mão do hipermercado que nos anda a embalar, porque na realidade já andávamos a dormir quando nele entrámos, dormíamos na rua, dormíamos no trabalho, dormíamos em casa, dormíamos a ler o jornal, dormíamos no estádio de futebol, dormíamos no teatro, dormíamos no cinema. Estamos todos deitados num berço que se move suavemente, e há uma voz que murmura ao redor do mundo: «Dorme, dorme tranquilo, nós te governaremos. Sobretudo não sonhes, não sonhes, não sonhes, não sonhes...» E nós, obedientes, não sonhamos.

Este Ensaio foi publicado na edição nº 253, de 22 de Janeiro de 1998

Somos educados para clientes. E é essa educação básica que estamos a transmitir aos nossos filhos

José Saramago

Prémio Nobel
de Literatura

1998

*A Editorial Caminho, que se orgulha de publicar a sua obra,
endereça ao Escritor as mais calorosas felicitações por este prémio
que tanto prestigia a língua e a literatura portuguesas*

CAMINHO